CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Deyse Garios Mendes

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO ALIADA NA FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA: UM CAMINHO POSSÍVEL

Rio de Janeiro
2025

Deyse Garios Mendes

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO ALIADA NA FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA: UM CAMINHO POSSÍVEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadores: Prof.ª **Adriana Tomaz**, Doutora em Ciências Humanas – Educação (PUC-RJ); Mestre em Educação (Universidade Estácio de Sá); Especialista em Formação de Professores; Professora do Mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação (UNICARIOCA)

Prof.º **Cláudio Henrique dos Santos Grecco**, Professor do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação (UNICARIOCA); Pós-Doutorado em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ.

Rio de Janeiro
2025

S565t Mendes, Deyse Garios

A tecnologia digital como aliada na formação de leitores na escola: um caminho possível / Deyse Garios Mendes; orientadora: Adriana Lisboa Tomaz ; coorientador: Cláudio Henrique dos Santos Grecco. - Rio de Janeiro, 2025.

109 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2025.

1.Interpretação de texto. 2.Estratégias digitais. 3. Práticas leitoras. I. Tomaz, Adriana Lisboa, prof. orient. II. Grecco Cláudio Henrique dos Santos, prof. coorient. III. Título.

CDD 371.344

Deyse Garios Mendes

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO ALIADA NA FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA: UM CAMINHO POSSÍVEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

O Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinada por:

gov.br
Documento assinado digitalmente
ADRIANA DA SILVA LISBOA TOMAZ
Data: 26/06/2025 16:35:45-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Adriana Lisboa Tomaz, D. Sc.; Unicarioca
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. André Cotelli do Espírito Santo, M. Sc.; Centro Universitário Carioca (UNICARIOCA) (membro interno)

Prof. Keite Silva de Melo, D.Sc.; Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ) e Secretaria Municipal de Educação (SME) (membro externo).

Rio de Janeiro

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a minha avó (in memoriam) pelos primeiros rabiscos feitos embaixo de uma máquina de costura. As primeiras letras aprendidas, antes mesmo de pisar na escola, foram ensinadas por ela, que nunca foi professora, mas foi a mestra da minha vida. Talvez esse caminho percorrido tenha sido trilhado para mim pelas mãos divinas, mas certamente Ele via o quanto eu era feliz aprendendo a ler e escrever com você. Obrigada por ter feito parte de tudo que vivo.

E falando em “mãos divinas” não tem como não deixar de expressar minha profunda gratidão a Deus, que me guiou e sustentou em todos os momentos desafiadores deste caminho. Sua presença constante foi o pilar que me permitiu superar obstáculos e alcançar esta conquista. Percebi que fé em Deus é um elemento indispensável para qualquer jornada da vida. Dedico a Ele tudo que sou e tudo que tenho.

À minha família — meu marido, meus filhos e netos —, cujo amor incondicional é o que faz com que nos reinventemos a cada dia, dedico minha vida e agradeço o carinho, a ajuda, e principalmente, o olhar de admiração. Vocês são meu maior tesouro.

AGRADECIMENTOS

Este projeto foi fruto de muita dedicação e perseverança, por isso todos os agradecimentos que seguem são potencializados pela satisfação em vê-lo concluído.

Aos amigos de turma que compartilharam momentos difíceis e felizes ao longo do curso, muito obrigada pela solidariedade e pelo incentivo contínuo. Vocês foram uma fonte inesgotável de motivação.

Aos profissionais que contribuíram de forma genuína e voluntariosa a este projeto dando-lhe forma e direção. As vivências e percepções de cada um de vocês embasaram cada linha desta pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho, que muitas vezes flexibilizaram seus horários, alteraram rotinas, para que eu pudesse conciliar a agenda de professora e pesquisadora.

E à minha orientadora Adriana Tomaz, cuja sabedoria acadêmica e domínio didático foram essenciais para moldar este trabalho. Sua orientação sábia foi um presente precioso durante toda essa jornada.

A todos vocês, meu muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar, por meio de uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, como as Tecnologias Digitais de Informação eComunicação (TDIC) podem ser utilizadas para despertar o interesse pela leitura entre alunos do segundo segmento da Educação Básica. A inquietação surgiu da observação, ao longo de duas décadas de atuação docente, da queda no interesse dos alunos pela leitura, em contraste com o crescente envolvimento com recursos digitais.

O estudo apoia-se em dados do PISA 2022, que apontam o baixo desempenho dos estudantes brasileiros em leitura, e em diretrizes da BNCC, que destaca a leitura como eixo central da formação e o uso das tecnologias como tema transversal. Também se considera a Lei 14.533/23, que garante a educação digital nas escolas. Os dados foram coletados por meio de um questionário e entrevistas semiestruturadas com professores de Língua Portuguesa. A análise de conteúdo revelou uma predisposição favorável ao uso das TDIC como estratégia para engajar os alunos e melhorar o rendimento nas aulas de leitura. Os resultados indicam que as tecnologias digitais podem tornar as práticas leitoras mais atrativas e significativas, contribuindo para a formação de leitores autônomos e críticos. Espera-se que o estudo incentive novas práticas pedagógicas e pesquisas voltadas à integração efetiva das TDIC no ensino da leitura.

Palavras-chave: Interpretação de texto; Estratégias digitais; Práticas leitoras.

ABSTRACT

This research aims to investigate, through a qualitative, exploratory and descriptive approach, how Digital Information and Communication Technologies (DICT) can be used to stimulate reading among students in the second segment of Basic Education. The concern arises based on two decades of experience in the classroom, where it is possible to observe a decrease in interest in reading on the part of students, which occurs concomitantly with an increase in their interest in the use of digital technologies.

Corroborated by data from PISA (Program for International Student Assessment) of 2022, which revealed the low performance of Brazilian students in reading; and based on the perspective of BNCC (National Common Curricular Base), which emphasizes reading as a central axis in the education of students and foresees the use of digital technologies as a transversal theme permeating all curricular components; and also in conjunction with the approval of Law 14.533/23, which guarantees digital education for children, young people and adults in all Basic Education institutions, providing them with the development of digital skills, this study seeks to understand how ICT can transform the teaching of reading, exploring different formats of texts and narratives.

It is expected that the results, although preliminary, can contribute to the development of future research and new pedagogical practices that encourage reading, and that lead to the possibility of increasingly frequent alignment of ICT with traditional pedagogical practices, in order to make reading more attractive, dynamic and accessible, enhancing the formation of autonomous and critical readers.

Keywords: Text interpretation; Digital strategies; Reading practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 – RESULTADO PISA 2022 ÁREA LEITURA

Fig. 2 – POSSÍVEIS CAUSAS PARA O BAIXO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES BRASILEIROS NO PISA 2022

Fig. 3 – 10 COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC

Fig. 4 – PÁGINA INICIAL BLOG TEXTUALIZANDO

Fig. 5 – PÁGINA INICIAL BLOG TEXTUALIZANDO

Fig. 6 – EXEMPLO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Fig. 7 – AVALIAÇÃO DA PLATAFORMA BLOG TEXTUALIZANDO

Fig. 8 – AMOSTRA NÚMERO DE VISITAS AO BLOG TEXTUALIZANDO

Fig. 9 – PÁGINA INICIAL PLATAFORMA BLOG TEXTUALIZANDO

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Como resultados do Brasil em leitura se comparam com outros países?
Gráfico 2 – Gênero dos participantes
Gráfico 3 – Faixa etária dos participantes
Gráfico 4 – Faixa etária dos participantes
Gráfico 5 – Oferta de recurso tecnológico na escola em que atua
Gráfico 6 – Oferta de recurso tecnológico na escola em que atua x Frequência de uso de TDIC
Gráfico 7 – Gráfico de visualizações da Plataforma Blog TEXTUALIZANDO

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de respostas para cada opção

Tabela 2 – Faixa etária dos participantes x Frequência de uso

Tabela 3 – Frequência de uso de TDIC x Oferta de TDIC na escola em que atua

Tabela 4 – Categorias da pesquisa

Tabela 5 – Número de ocorrências em cada resposta

Tabela 6 – Planilha de respostas do formulário de avaliação do Blog TEXTUALIZANDO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CNS – Conselho Nacional de Saúde

IA – Inteligência Artificial

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PNE – Plano Nacional de Educação

TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1.	**INTRODUÇÃO**	**13**
1.1.	Inquietação	13
1.2.	Caracterização do Problema	14
1.3.	Tecnologia na Educação	20
2.	**OBJETIVOS**	**23**
2.1.	Objetivo Geral	23
2.2.	Objetivos Específicos	23
3.	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**	**24**
3.1.	O ato de ler na formação do cidadão	24
3.2.	Leitura e Interpretação de Textos Narrativos	28
3.2.1.	Modelos para o desenvolvimento da leitura	30
3.2.1.1	Modelo Ascendente	30
3.2.1.2	Modelo Descendente	31
3.2.1.3	Modelo Interativo	32
3.3.	O conceito de Hipertextualidade	33
3.4.	O uso de Tecnologias Digitais aplicadas à Educação	34
3.4.1.	Educação de Qualidade x Ensino de Qualidade	35
3.4.2.	Teoria da Aprendizagem Ativa	36
3.5.	A BNCC e as Competências Leitoras	37
3.6.	Formação de Professores e Competência Digital	38
4.	**METODOLOGIA**	**40**
4.1.	Etapa 1: Revisão Bibliográfica	45
4.2.	Etapa 2: Sondagem do perfil do professor e o uso de tecnologias	46
4.2.1.	Elaboração do Questionário	46
4.2.2.	Análise dos dados obtidos através do questionário	49
4.3.	Etapa 3 - Entrevista com professores	59
4.3.1.	Transcrição das entrevistas	61
4.3.1.1	Entrevistado 1	61
4.3.1.2	Entrevistado 2	65
4.3.1.3	Entrevistado 3	71
4.3.1.4	Entrevistado 4	75
4.3.1.5	Entrevistado 5	79
5.	**ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO**	**84**

6. UMA PLATAFORMA COMO UM ACERVO TECNOLÓGICO 87
6.1 Integração de saberes docentes e tecnologia 87
6.2 Plataforma Blog com estratégias pedagógicas 89
6.3 Avaliação do Produto 93
7. CONCLUSÃO 97
BIBLIOGRAFIA 99
APÊNDICE A - Pesquisa com uso de ferramentas virtuais 103
APÊNDICE B – Ficha de Software / Aplicativo 107

1. INTRODUÇÃO

1.1 Inquietação

Ao longo de mais de vinte anos em sala de aula ministrando a disciplina de língua portuguesa para os alunos do Fundamental II e Ensino Médio, venho percebendo uma queda no interesse pela leitura concomitante com a ascensão das tecnologias digitais. Perceptível que há uma geração de inoperantes da nossa língua, cada vez mais centrados na linguagem não verbal, mas muitas vezes, incapazes de produzir uma legenda correta e coerente gramaticalmente. CASTELLS (1999) discorre, em sua obra *A Sociedade em Rede*, sobre a ascensão das tecnologias de informação e comunicação e como elas estão moldando uma nova sociedade.

Diante desse quadro, venho tentando "competir" com as novidades tecnológicas sem sucesso. E uma questão passou a reverberar nas minhas práticas pedagógicas: **Será possível que as TDIC podem mover o aluno ao encontro de uma prática leitora?**

O desenvolvimento de atividades que envolvem ferramentas digitais para apropriação de uma leitura autônoma é um dos caminhos que se fazem novos, principalmente no uso das metodologias tradicionais tão presentes não apenas na escola, mas no hábito de ensino de muitos professores.

Nesse universo tão conectado que a geração de alunos, principalmente os nascidos já no século XXI, está inserido, não há muito espaço para modelos pedagógicos clássicos. Em sentido inverso, percebo uma crescente onda de interesse nas atividades "conectadas" em comparação às atividades apenas de escrita em livro e caderno, por exemplo. Ainda sobre CASTELLS (1999), este autor oferece uma visão ponderada sobre as tecnologias digitais, destacando como elas podem ser usadas para transformar concretamente o aprendizado e o acesso à informação, ou seja, a tecnologia responsável por estar dando uma nova roupagem a nossa sociedade é a mesma que pode ser usada na Educação como ponte para uma prática leitora.

O desafio que reside nesta situação está no processo de transformação que se torna relevante e condição *sine qua non* para uma nova perspectiva de ensino e aprendizagem.

Conforme a perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância da leitura como um dos "eixos-organizadores" no campo da língua portuguesa, acredito que pensar a pedagogia como um conjunto de metodologias que dialoguem com o aluno em sua capacidade e nível de comunicação já seria um passo significativo na formação, no aprimoramento de comportamentos e na capacidade de compreender e assimilar o mundo da escrita. Isso, por sua vez, amplia o conhecimento dos indivíduos e os auxilia a superar os desafios da vida cotidiana. Essa abordagem impacta diretamente nos indicadores de aprendizagem, exigindo uma compreensão profunda, ao mesmo tempo em que incentiva o contato constante com diversos gêneros textuais e culturas diversas. Esse engajamento proporciona o desenvolvimento de atitudes fundamentais, como o respeito à diversidade e a empatia diante do que é diferente.

Assim, a proposta é incentivar a leitura através do uso das TDIC de forma que o educando descubra que a mesma pode ser prazerosa e dinâmica. Para tal, o processo deve levar o aluno a explorar diferentes formatos de textos e narrativas; identificar o tipo de leitura de que mais se aproxima; entender o texto; ser capaz de recontar a história de forma linear e coerente; e finalmente compartilhar suas leituras com outros.

1.2 Caracterização do Problema

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) tem por objetivo avaliar habilidades, conhecimentos e condições de aprendizagem de alunos na faixa etária de 15 anos em relação aos processos de desenvolvimento nas áreas de LEITURA, CIÊNCIAS e MATEMÁTICA.

Realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a cada 3 anos[1] envolve 81 países membros e parceiros da organização.

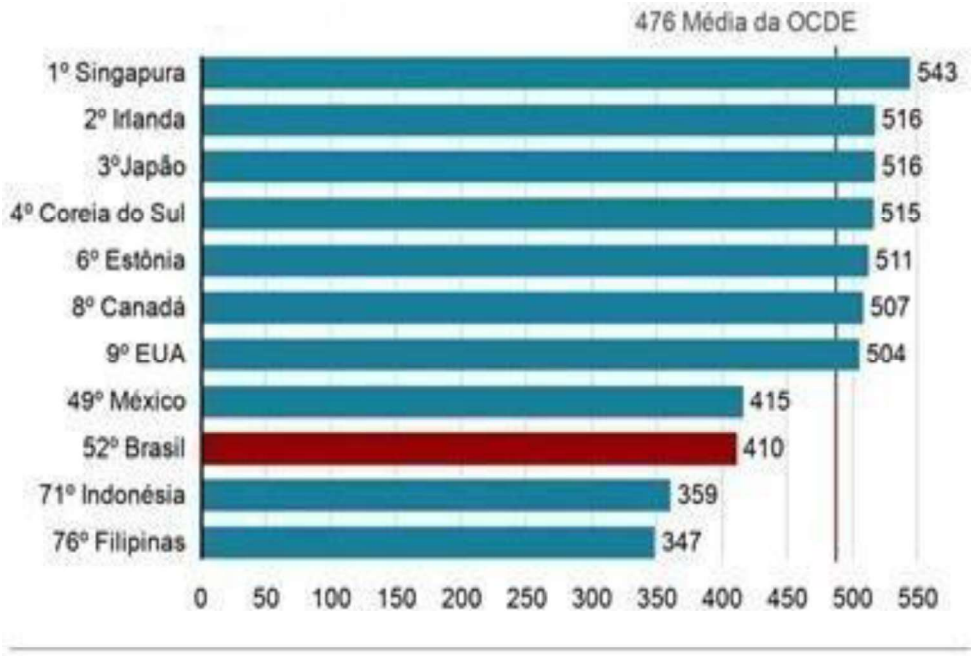
O objetivo é que os países participantes avaliem seus resultados e possam desenvolver políticas e programas educacionais para melhoria na qualidade do ensino. Para tal, coleta-se, além de dados específicos para a

[1] ** Em função da pandemia de Covid-19, os países-membros e associados da OCDE decidiram adiar a avaliação do Pisa 2021 para 2022 e a do Pisa 2024 para 2025*

medição dos níveis de proficiência nas áreas mencionadas, informações que mostram os fatores que podem influenciar no desenvolvimento desses níveis dentro e fora da escola.

A última edição do PISA, em 2022, revelou dados importantes no que tange aos níveis de aprendizagem dos estudantes brasileiros. Apenas 2% destes alcançaram níveis mais altos de proficiência em LEITURA. Revelou ainda que, comparados aos demais países da América do Sul participantes, o Brasil é o segundo pior no ranking que mede o nível de leitura, empatando com a Colômbia. E ao comparar o Brasil à média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), os resultados são ainda piores, como mostra o gráfico 1.

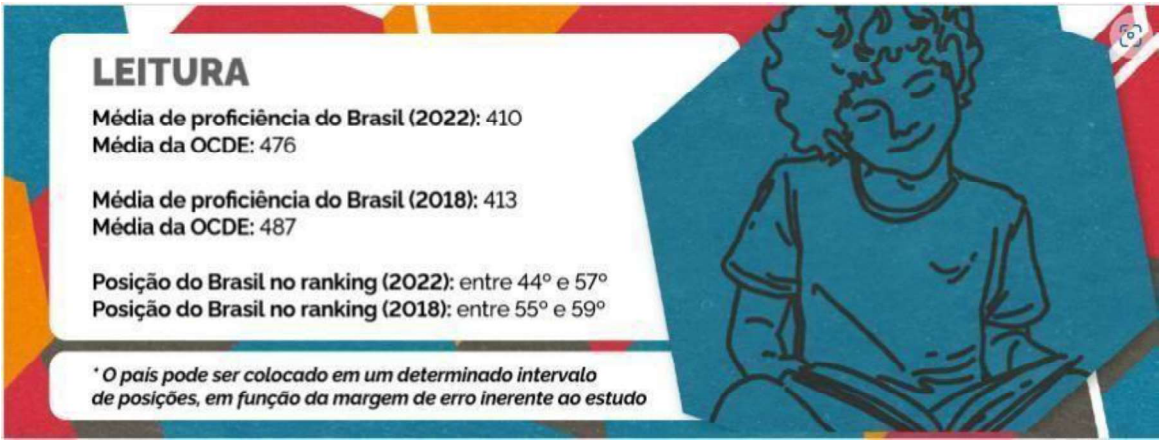
Gráfico 1 – Como resultados do Brasil em leitura se comparam com outros países?



Fonte: OCDE

Revelou ainda um dado mais alarmante: 55% dos nossos alunos ficaram abaixo do nível mínimo para esta área do conhecimento, ou seja, os estudantes brasileiros de 15 anos de idade não apresentam o nível básico de leitura (fig.1).

Fig. 1 – Resultado PISA 2022 Área Leitura



Fonte: Site MEC

Mas quais as possíveis causas elencadas pelo próprio Ministério da Educação e Cultura (MEC)[2] para a obtenção deste resultado? Embora não se tenha divulgado um documento único e conciso listando as causas específicas para o baixo desempenho em leitura, é possível inferir algumas das razões apontadas pelo próprio MEC e por especialistas a partir de relatórios divulgados pelo INEP.

As **Desigualdades Socioeconômicas** presentes no Brasil encabeçam o rol. Regiões mais pobres ou áreas rurais têm, em sua maioria, menos acesso a uma educação de qualidade que possa colocar o estudante em situação de oportunidade favorável a um melhor desempenho acadêmico.

Segue-se a esta um **Baixo Investimento em Educação.** Apesar de alguns avanços, o Brasil está aquém em comparação aos países mais desenvolvidos ou os que assumiram a ponta de cima no ranking do PISA. Essa causa se desdobra em outras, como **Infraestrutura Escolar Deficiente**, presente ainda em muitas regiões do país, que também pode levar à incapacidade do aluno no desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação, já que o educando não conta com materiais para que se desenvolva nele o hábito da leitura.

Ressalta-se ainda a carência de **Políticas públicas eficazes** que contemplem as demandas na área da educação. As frequentes mudanças de gestão afetam as diretrizes educacionais, o que dificulta a implementação de estratégias em longo prazo. Importante ressaltar que o relatório do INEP alerta sobre a questão de COMO o recurso financeiro é investido e não QUANTO.

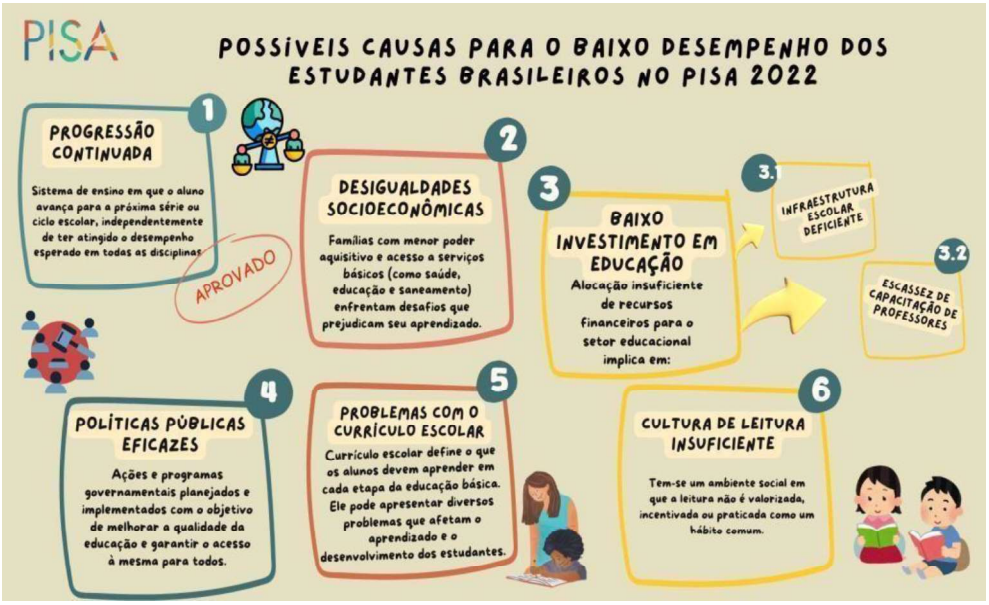
---

2 BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Notas sobre o Brasil no Pisa 2022. Brasília, DF: Inep, 2023.

Outro fator é a **Progressão continuada**, sistema adotado para reduzir o índice de evasão escolar, e que parece ainda ineficiente para nossa realidade educacional.

Além desses já citados, **Problemas com o Currículo Escolar**, que muitas vezes não preza de forma suficiente o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação de textos. Tudo isso, aliado a uma **Cultura de Leitura Insuficiente**, a qual, não leva o aluno ao hábito da leitura fazendo dele um leitor fluente e desenvolvendo-lhe uma compreensão leitora ampla e autônoma. Fatores como acesso limitado a livros e ausência da prática de leitura fora do ambiente escolar corroboram para que o estudante brasileiro não tenha obtido média satisfatória no PISA (vide fig. 2).

Fig. 2 – Possíveis causas para o baixo desempenho dos estudantes brasileiros no PISA 2022



Fonte: Elaborado pela própria autora

Formação Insuficiente de Educadores é um outro ponto a ser observado. Muitos docentes atuantes não tiveram em seus currículos preparatórios conhecimentos fundamentais para o uso de ferramentas tecnológicas que possam potencializar o aprendizado dos alunos, restringindo essa utilização a uma forma superficial ou ineficaz. Isso resulta em uma **Resistência Cultural ao Uso de Tecnologias na Educação** seja por parte dos professores ou por parte dos gestores, o que limita a incorporação de práticas pedagógicas inovadoras que possam levar o educando à melhora da leitura e interpretação de textos.

Ainda sobre os resultados do PISA, observou-se, adicionalmente, que o uso de dispositivos digitais de forma equilibrada e regulamentada está associado a melhores resultados de aprendizado. Desta forma são causas também relevantes para um baixo desempenho o **Acesso Desigual às Tecnologias Digitais**, o que dentro do contexto de desigualdade socioeconômica que se apresenta no Brasil, é compreensível. Muitos alunos não contam com dispositivos e nem mesmo têm acesso à Internet para que possam conhecer a diversidade de opções de incentivo que se encontram no mundo virtual. Esse acesso desigual às tecnologias digitais leva a outro fator que é o **Uso Limitado de Recursos Digitais para Incentivar a Leitura** já que não há como utilizar ferramentas como e-books[3], plataformas de leitura interativa ou aplicativos de storytelling[4], o que significa que eles perdem a oportunidade de desenvolver sua fluência e compreensão leitora por meio de novas mídias.

Há também causas oriundas dos **Desafios na Implementação de políticas Públicas de Tecnologias Educacionais**, faltam diretrizes claras e consistentes que possam instruir as escolas sobre como integrar as tecnologias no ensino da leitura.

Há também abordagens relativas a dificuldades que os alunos encontram no nível das perguntas, gerando uma desistência em responder as questões, ou ainda não serem estimulados a se dedicar ao teste, ou até mesmo por não apresentarem garra e resiliência para a dinâmica da prova, habilidades socioemocionais necessárias para a realização de um exame com responsabilidade.

Outra causa a ser considerada é quanto ao uso excessivo de dispositivos digitais para recreação. Pode parecer incoerente, mas o uso de tecnologias digitais como recurso na área educacional promove um ensino mais dinâmico e envolvente, porém quando o estudante passa mais de cinco horas diárias com seu dispositivo em atividades de lazer, isso promove baixa concentração e distrações quando requerer foco.

O próprio MEC, através da proposta da BNCC[5], traz a **cultura digital** como uma

---

[3] Livros digitais

[4] Aplicativos que transmitem conteúdos por meio de histórias elaboradas e contadas de maneira a envolver, usando palavras e recursos audiovisuais.

[5] Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho- nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>

das Competências Gerais que consolidam a proposta de educação integral do documento. Ela estabelece as bases para preparar os estudantes não apenas para utilizar a tecnologia, mas para compreender suas implicações éticas, sociais e culturais. Sugere integrar a tecnologia de forma mais eficaz nas salas de aula, de maneira que se possa minimizar as distrações e utilizar esses dispositivos de forma mais produtiva e acadêmica.

Para lidar com esses baixos índices de aquisição da leitura medido pelo PISA, é necessário avaliar as estratégias que estão sendo utilizadas no processo de formação e aprimoramento de um leitor competente, bem como criar estratégias cognitivas para o alcance do que se pretende. Intervenções efetivas, podem, além de promover essa efetividade da leitura, ajudar na criação de instrumentos avaliativos que colaborem com o diagnóstico de leitores com dificuldades em desenvolver este processo.

E se os resultados não foram bons, a notícia deles também não é novidade. O Brasil foi mal em todas as edições do PISA. E embora o Programa não leve em consideração os diferentes contextos políticos e sociais dos países participantes, seus resultados geram uma tendência em buscar soluções que estejam sendo aplicadas nos países que ranquearam positivamente, desconsiderando o fato das sociedades serem diferentes.

Ocorre que, independentemente desse exame, na sala de aula é possível detectar os problemas relacionados à qualidade leitora dos nossos alunos. E como pensar em Educação é pensar de forma macro, sem buscar culpados, mas soluções, há muito o PNE (Plano Nacional de Educação) já vem desenvolvendo projetos que possam suprir essas deficiências.

Nesta perspectiva, faz-se necessário compreender de que forma o agente educador opera conteúdos linguísticos em sua sala de aula para alunos com bagagens leitoras tão diversificadas. Segundo Isabel Solé (1988), a leitura pode ser muito melhor desenvolvida a partir do uso de algumas técnicas, já que estas podem proporcionar ao leitor uma maneira autônoma de ler, sendo ainda um agente crítico e reflexivo, e esse acaba sendo um dos papéis do professor. Ainda de acordo com Solé (1998), não apenas ler, mas compreender textos diversos, com intenções também diversas contribui para a formação do sujeito autônomo, já que a leitura é uma espécie de credencial para se inserir em uma sociedade letrada.

O fato é que essas causas deixam em questão a hipótese que trazemos, que é

um desafio que se faz cada vez mais presente, frente não apenas aos resultados apresentados, mas a consciência cada vez maior de que é preciso sair do tradicionalismo educacional para entrar na esfera das metodologias ativas e, com auxílio das tecnologias digitais, melhorar o hábito de leitura e valorizar o aprendizado de um modo geral.

Neste contexto, o problema desta preliminar de pesquisa é levantar a questão sobre o uso das TDIC nos contextos educacionais, explorando o universo de oportunidades tecnológicas que se apresentam, de forma que o aluno seja motivado, através delas, à prática leitora.

1.3 Tecnologia na Educação

A necessidade de se estabelecer uma comunicação entre os homens é fato relevante na busca pela sobrevivência humana. Aliada a isso, a condição de adaptabilidade que cerca também a espécie humana desencadeou a busca por soluções que pudessem facilitar sua convivência com seus pares.

No século XV, a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg propõe um marco significativo em termos de difusão de conhecimento. Entre outros fatores, revolucionou a produção de livros tornando-os mais acessíveis para a época, causando uma revolução tecnológica fundamental para que o conhecimento alcançasse um maior número de pessoas. E não foi apenas na parte tecnológica que começava a se alinhar uma nova era. Também na área educacional, com uma trajetória de inovação e transformação, já se iniciava um novo caminho de acessibilidade aos conhecimentos.

A tecnologia de um modo geral tem desempenhado um papel fundamental no processo evolutivo da educação. Pautada principalmente pelas mudanças sociais, há, até hoje, uma necessidade cada vez mais constante em acompanhar o que a era tecnológica traz de mais inovador para a sociedade e, consequentemente, para a vida acadêmica e do acadêmico. E quando a tecnologia digital começa a dar seus primeiros passos, já no século XX, com o surgimento das calculadoras eletrônicas portáteis, começa-se a perceber o quanto seria possível, e necessário, ter em mãos o que pudesse inovar em termos de facilitação ao processamento do pensamento.

Apesar da crescente produção tecnológica, principalmente digital, no Brasil, pouco se avançou entre as décadas de 20 a 70. Fato é que o Rádio, o Cinema e a Televisão abriram novos horizontes ao ensino à distância, mas não eram ferramentas com acessibilidade tão abrangente. Somente quando, ao final do século XX, os computadores pessoais e a própria internet surgem como elementos inovadores e mais acessíveis é que houve, de fato a revolução sobre de que forma é possível obter informações e como elas podem chegar aos alunos de todas as faixas etárias.

Finalmente com a era da conectividade e o aumento da disponibilidade de dispositivos móveis, já no século XXI é que a sala de aula começa a se transformar em um mundo de possibilidades sem fim. É o início de um universo de recursos e ferramentas capazes de modificar o contexto educativo vigente. Surgem os computadores, já na década de 80, a internet, a rede e a consequente socialização instantânea. E isso não apena de pessoas, mas de informações. Abriu-se uma janela para o mundo, a princípio encurtando distâncias e aproximando pessoas.

As mudanças foram muitas e, embora a velocidade com que essas mudanças ocorreram façam parecer ter muito tempo, na verdade não têm 50 anos.

Enquanto o mundo corre à velocidade da evolução da tecnologia, nossas salas de aula seguem práticas usualmente estabelecidas há pelo menos desde o século XIX. Alunos enfileirados, a lousa à frente e ao centro, professor figura mestra detentor de conhecimento. Pouca coisa mudou neste século e quando muda, a resistência involuntária frequentemente retorna ao modelo anterior, arraigado à cultura educacional brasileira. PÉREZ GÓMEZ (1997) atribui essa resistência a uma “economia de tempo”, já que mudanças significam desaprender para reaprender. E o que se tem em mãos vai se repetindo e se aplicando a diversas situações.

O fato é que se vive hoje na Era Digital, a qual desenvolve um novo contexto social, e nele a educação clama por uma pedagogia mais tecnológica, menos centrada na figura do professor e com espaço para participação ativa do aluno.

Essa fase “tecnodigital” exige novas atitudes em relação às necessidades que se desenvolvem a partir das facilidades e processos mais rápidos nos quais o sistema educacional está inserido. Ignorar a urgência de uma transformação é condenar a educação ao insucesso. Não se pode ignorar os impactos que essa evolução causou e vem causando no comportamento humano, e isso se reflete nas escolas.

Com auxílio da tecnologia, o processo de ensino-aprendizagem pode ser revolucionado e otimizado, construindo uma nova roupagem ao que se chama educar. A informação, não mais centrada na figura de uma única pessoa, passa a estar na mão do aluno também, o qual pode acessá-la com um clique apenas.

Conta-se hoje com uma grande diversidade de ferramentas que podem dinamizar e engajar os alunos ao hábito da leitura: Livros digitais interativos, com opção de fazer anotações e que trazem dicionários integrados; Bibliotecas digitais, com vasto acervo de diferentes gêneros textuais. Para melhora da compreensão textual, há plataformas de leitura social, as quais possibilitam a criação de clubes de leitura online com possibilidade de discutir sobre as obras. E para a prática escrita, há plataformas que possibilitam criação de histórias interativas, onde o aluno cria suas próprias narrativas. Sem contar as ferramentas de gamificação e as de Realidade Virtual e Aumentada. E mais: A Inteligência Artificial (IA), que hoje bateu à porta, não mais precisará de convite para se instalar. Ela já está em processo de transformação do mundo significativamente, e promete não parar. Com ela ficará mais fácil identificar padrões de aprendizado e elaborar intervenções próprias para cada estudante, promovendo uma adaptação verdadeiramente eficaz. É muito fácil acreditar que a Educação do futuro está vinculada à continuidade do desenvolvimento das tecnologias digitais. Cada vez que o mundo apresenta algo novo, ele apresenta também não apenas novas possibilidades, mas muitos desafios, até que todos vençam suas resistências e deleite-se com seu uso.

Para isso faz-se necessário que os educadores estejam preparados para a prática destas novas tecnologias com ética e honestidade.

2 OBJETIVOS

2.2 Objetivo Geral

Investigar como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem ser utilizadas na sala de aula de forma a auxiliar o professor na formação leitora, estimulando o aluno a práticas de leitura mais dinâmicas, e capazes de promover a compreensão, a produção textual e o engajamento em diversos gêneros textuais além do Narrativo.

2.3 Objetivos Específicos

- Investigar as dificuldades e resistências enfrentadas pelos professores na implementação de TDIC;

- Propor estratégias para superá-las, alinhando as práticas pedagógicas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

- Investigar de que forma as práticas pedagógicas que integram as TDIC nas aulas de leitura podem motivar os alunos à prática leitora promovendo sua autonomia

- Promover o desenvolvimento de materiais didáticos digitais que dialoguem com as narrativas estudadas, visando facilitar a compreensão e a reflexão crítica dos textos pelos alunos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O ato de ler na formação do cidadão

Entende-se por leitura um processo de representação de símbolos, os quais na interação com outros aspectos da realidade, leva o sujeito leitor à uma percepção de mundo que coaduna com sua vivência. Ler, portanto, é entender as representações daquilo que o cerca, e interagir com. Ler é tanto extrair significados quanto atribuir-lhes.

Nesse processo, há três vértices trabalhando juntos: leitor, leitura, conhecimento de mundo. Não há como dissociar um elemento do outro, pois a interação dos três é que possibilita a manifestação de outros olhares em relação ao que se lê. O significado está mais atrelado ao processamento que o leitor faz, de acordo com seu conhecimento de mundo, que com a própria leitura em si. O sentido do texto está na 2ª pessoa, quem lê, e suas atribuições são subjetivas o suficiente para dar singularidade ao que se está lendo. A mensagem em si pode ser fria, mas os significantes atribuídos a ela a tornam única na mente do leitor.

Para exemplificar esta afirmação, toma-se a ideia de “decorar conceitos para uma prova”. Neste caso não haverá compreensão, visto que o leitor apenas decodificou a leitura. Não interagiu, não processou o que estava de fato escrito. É necessário, neste processo, o que Ausubel (1980) chama de uma combinação de conceitos que apreendem e organizam a informação proveniente do meio ambiente, o qual ele denomina “subsunçores”.

Na aprendizagem, os subsunçores são modificados, de modo que a nova informação possa ser reorganizada, fazendo com que a estrutura cognitiva do indivíduo torne-se cada vez mais apta a integrar mais e mais novas informações. Piaget (1976) denomina esse processo como *Assimilação, acomodação* e *Equilibração*, necessários aos novos entendimentos, tratando-se então de um ativo regulador, o qual permite que novas experiências sejam incorporadas a estruturas cognitivas já existentes, equilibrando-se e preparando-se para receber outras novas experiências.

Também Vygotsky (1984) reforça que o processo de leitura e construção do conhecimento ocorre socialmente mediado, ou seja, o aprendizado ocorre na interação com o outro, o qual denominou-se Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, o intervalo entre o que o sujeito já consegue fazer sozinho e aquilo que ainda não consegue, mas pode aprender com a mediação de um mais experiente. No contexto da leitura, essa mediação pode ocorrer por meio do professor, do grupo social e/ou dos instrumentos culturais, como os próprios textos e recursos tecnológicos. Dessa forma, a leitura não é apenas uma atividade individual, mas um processo que se constrói socialmente, com significados sendo negociados e ressignificados conforme as interações.

Baseado no exposto, é notório que um texto é apenas parte de um todo que deve levar a uma compreensão. A ele, soma-se outras informações, pertinentes ao que se está assimilando, advindas do próprio leitor, os quais vão construindo o sentido.

Ocorre que o mundo contemporâneo exige cada vez mais leitores aptos a interpretar os diversos formatos de textos que se apresentam no dia a dia das pessoas. Desde placas e letreiros até documentos oficiais e publicações científicas. Há textos em toda parte.

Reiterando o que foi dito acima, Solé (1998) ressalta que a leitura textual que o sujeito realiza, no entanto, pressupõe mais que a simples decodificação, mas o cruzamento de sua história, de suas vivências, com aquilo a que se propõe a ler. E nem sempre este é um processo deliberado, mas, na maioria das vezes, espontâneo, e ainda assim, exigente de um saber diversificado em relação à sociedade atual. A leitura é um processo de interação e interpretação, com múltiplas interpretações possíveis. Ler é compreender, interpretar e atribuir significado às informações, transformando-as em conhecimento, é um processo essencial à inserção social.

É dentro desse contexto que a escola deve se fazer cada vez mais presente e atuante na construção do cidadão, procurando desenvolver sua capacidade de analisar e relacionar as informações não apenas de forma crítica e autônoma, mas relevante para a construção do seu conhecimento. No entanto, a realidade que comumente tem se apresentado é de um alunado com dificuldades de interpretação e cada vez mais distante do prazer da leitura.

É nesse entendimento que se deflagra uma reflexão: o aluno cada vez lê

menos porque não está entendendo o que lê, ou não entende o que lê porque cada vez lê menos?

A questão parece refletir um ciclo vicioso onde a falta de compreensão pode levar a uma redução na prática de leitura, e essa redução, por sua vez, pode agravar a dificuldade de compreensão. Formar leitores capazes de adquirir o hábito da leitura é uma das competências da escola, porque embora a leitura seja um processo interno e individual, ela precisa ser ensinada de maneira estruturada. Formar leitores competentes é não apenas ampliar sua visão de mundo como dar bases para um processo de formação que é contínuo.

É nesse sentido que o papel da escola se torna singular, à medida que cabe a necessidade de um mediador para que se estabeleçam conexões entre a bagagem individual que cada um traz dentro de si e as informações as quais ele começa a adquirir através da leitura. E como é um processo interativo, múltiplas interpretações vão se construindo durante o processo de apropriação daquilo que se lê.

Essa movimentação entre o que se reconhece no texto e a construção de significados permite ao leitor uma troca entre seu eu e o eu lírico do texto. Cabe ao mediador, no caso o professor, pensar estratégias para que essa relação se estabeleça. A leitura de um texto por parte do professor, a dinâmica de interpretação deste, por exemplo, permite ao aluno a compreensão e o desenvolvimento de suas próprias habilidades leitoras e interpretativas na medida em que o professor pode apontar detalhes os quais poderiam passar desapercebidos pelo aluno. Ensinar a ler é também ensinar a interagir com os textos de forma reflexiva, depreendendo significados e levando à retenção de informações para futuras interações com o conhecimento que há de vir.

Rolla (1995) categoriza os diversos tipos de leitores segundo seus interesses, modos e frequência do hábito de leitura. Há o **não leitor**, aquele cujo contato esporádico com a leitura o distancia do hábito e o torna avesso à leitura literária; há o leitor **apressado**, que faz leituras rápidas alegando que tem pouco tempo para ler, lendo apenas o que julga ser conveniente à sua construção cidadã. Tem preferência por textos curtos e de temática diversificadas. O leitor **superficial** lê eventualmente, sem privilegiar um tipo específico de leitura. Apesar da leitura não ser prioridade em sua vida, este tipo de leitor ainda prefere as leituras de caráter informativo e utilitário. O leitor **compulsivo** é bastante diversificado. Lê muito e com criticidade, e emite opiniões acerca de autores e obras. A leitura ocupa um tempo considerável entre seus afazeres. Outro tipo de leitor é o **técnico**, que lê apenas para estudo.

Seus assuntos são escolhidos de acordo com seus interesses do campo profissional em que atua. Este leitor passa rapidamente os olhos pela leitura informativa porque a científica lhe ocupa o tempo. Ele se preocupa com o cumprimento de tarefas, e não vê prazer naquilo que lê, apesar de ter base para dialogar com o texto. O leitor **escolar** preocupa-se com a leitura com a finalidade de atingir seus objetivos docentes, quase nunca correspondendo a assuntos de seu interesse ou gostos literários. O leitor **profissional** é aquele que lê buscando sentido, valor estético, ou seja, analisa os sentidos de um texto. A leitura faz parte de seu cotidiano e, acima de tudo, para ele, é uma atividade prazerosa. Por fim, o leitor **diletante**, um leitor ingênuo, lê por puro prazer, sem compromisso estético ou teórico, sem pretensão de fazer análise crítica. Suas escolhas são aleatórias e de acordo com o contexto no qual está inserido.

Tal categorização dos tipos de leitores levou em consideração uma série de fatores, entre eles sexo, idade, nível de escolaridade e a natureza de seus interesses, que vão lhes direcionar a caminhos variados.

Vale ressaltar que essas categorias não são fechadas e engessadas. Há um ponto de interseção entre elas e óbvio que o leitor tende a migrar de acordo com suas vivências, de acordo com suas escolhas, que podem ser profissionais ou pessoais. Como foi dito, é a natureza de seus interesses que o rege.

Mas aqui cabe dizer que todos esses leitores passaram pelas carteiras escolares, passaram pela fala de um professor. E o desenvolvimento do interesse pela leitura passa por uma atitude favorável desenhada pela necessidade de se adquirir conhecimento genérico a partir de ocorrências habituais, passa pela ocorrência sistemática e guiada por um processo que inclui instrução, orientação e validação de dados obtidos. E a partir do amadurecimento do indivíduo, seus caminhos vão se adequando às suas necessidades e vontades. Mas é necessário que a base tenha sido consolidada pela escola.

Segundo Marsiglia (2011):

> *"[...] o papel da instituição escolar é, então, de suma importância para que a criança se aproprie dos conhecimentos da humanidade, pois neles estão cristalizadas as qualidades humanas, para que saiba utilizar instrumentos e seja estimulada para se desenvolver progressivamente [...]".*

Neste contexto, a escola é agente transformador, e deve proporcionar aos alunos atividades que sejam significativas e contextualizadas, para que possam internalizar conhecimentos e habilidades necessários a uma participação ativa na sociedade.

A leitura é subjetiva e cabe ao próprio indivíduo atribuir-lhe o valor que desperta. Ela emerge como um processo plural, mas enraizado na experiência humana juntamente com as interações sociais a que proporciona.

3.2 Leitura e Interpretação de Textos Narrativos

O gênero narrativo caracteriza-se por ser um tipo de texto em que se relata um acontecimento em sequências de fatos, sejam eles especificados em Linguagem Verbal, ou representados em Linguagem não Verbal ou Mista. A narrativa tem o poder de trazer o leitor para dentro de sua história, envolvendo-o de forma que ele recrie um cenário em seu imaginativo, posicionando-se dentro dele como um observador. Essa intimidade que o leitor adquire o faz sentir-se parte da narrativa, vivenciando os sentimentos e emoções característicos dos personagens da história. Seja ela real ou fictícia.

É preciso destacar aqui que a narrativa é um tipo de texto com o qual mais se dialoga ao longo da vida, e sua "magia" se dá na possibilidade de construção de vários sentidos a partir das vivências individuais que cada agente leitor carrega dentro de si. Ausubel falaria em "*significatividade psicológica",* ou seja, o conhecimento prévio individual auxilia na compreensão textual. Mas a capacidade de interação com um texto narrativo, a dialogicidade a que ele propõe depende de uma habilidade que se desenvolve com a prática e com estratégias eficazes. Identificar a sequência de ações, o conflito que deu origem à narrativa e muitas vezes até mesmo o clímax da história tem sido tarefa árdua nas aulas de interpretação de textos.

A "educação bancária", caracterizada pela transmissão passiva de conhecimento e defendida por Paulo Freire, priorizava a memorização de fatos e a decodificação mecânica de palavras, em detrimento da compreensão profunda e crítica do texto. Ao reduzir a leitura a uma atividade técnica, desconsiderava-se a dimensão subjetiva e interativa da leitura, na qual o leitor estabelecia um diálogo com o autor e com o próprio texto. GIROUX (1999) argumenta que essa educação

bancária persiste em muitas escolas. Também BARTHES (2004) afirma que a leitura não se limita à decodificação de um código, mas envolve a construção de significados a partir da interação entre o texto e o leitor. No entanto, o ensino tradicional, ao enfatizar a busca por uma única interpretação correta, inibe a exploração das múltiplas possibilidades de leitura e a formação de leitores autônomos e críticos. Nesta perspectiva, o aluno não está mais acostumado a ler as entrelinhas, ele muitas vezes acaba não conseguindo se conectar com a história, não adentra no universo psicológico que os personagens apresentam e que, na maioria das vezes, é fundamental para o entendimento da ideia proposta pelo autor. Falta, talvez, o olhar crítico, que advém com a dialogicidade que se dá entre leitor e texto.

3.2.1 Modelos para o desenvolvimento da leitura

Trabalhando com o pressuposto de que o objetivo final de toda leitura é fazer com que o leitor alcance a totalidade da compreensão do que o escritor pretendeu expor, diversos modelos tentam explicar esse processo, que vão desde “decifrar” palavras e inseri-las em um contexto, como o inverso.

A forma como lemos tem se transformado radicalmente com o advento das tecnologias digitais. Teoricamente, há três modelos estudados nas pesquisas sobre o desenvolvimento da leitura. Os modelos de leitura Ascendente (*Bottom-Up*), Descendente (*Top-Down*) e Interativo encontram novas possibilidades e desafios nessa nova era.

Sobre estes modelos convém explicitar algumas questões:

✓ A partir destes modelos, métodos de leitura são desenvolvidos;

✓ Os indivíduos leitores se encaixam ao seu melhor método, e não ao contrário;

3.2.1.1 Modelo Ascendente

Também conhecido por *Bottom-Up* (GOUGH, 1972 apud PAZ, 2017), trabalha com a ideia de que a leitura parte primariamente dos grafemas, ou seja, das unidades menores do texto, e estes vão construindo o significado geral do que se

pretende revelar. Neste processo, o leitor parte do mais simples para o mais complexo: letra/sílaba/palavra/frase. Ele atenta-se às palavras, considerando pouca ou nenhuma questão exterior ao que está escrito. A valorização está no vocabulário e não no contexto que o cerca. Scaramucci (1995, p. 13) citado por Lucas (2017, p. 5) acrescenta que este modelo de leitura não dá espaço para um ato reflexivo do leitor, já que este é apenas um decodificador. E mais: há o risco de o professor mostrar ao aluno que sua interpretação é a única viável, ignorando as possíveis contribuições do aluno. Este modelo pode ser potencializado por ferramentas digitais como os leitores de tela e os dicionários online, que facilitam a decodificação textual.

3.2.1.2 Modelo Descendente

Também conhecido por *Top-Down (*PINTO, 2008 apud GOODMAN, 1985,1988) é um modelo que parte do conhecimento prévio do leitor, e a partir deste, faz-se previsões sobre o que se pode encontrar nele. Se as previsões estiverem corretas, o leitor é facilmente levado a entender o texto como um todo e não apenas parte dele. Esse modelo costuma privilegiar o leitor que apreende melhor considerando o contexto, já que aqui ele faz uso de seus conhecimentos já estruturados associando-os ao que lê. Ele sugere uma leitura como um jogo entre as palavras e as ideias, sendo que o leitor faz o papel de “adivinhador”, atribuindo- lhe um significado de acordo com as hipóteses que trabalhara durante a leitura. É um processo ativo, em que o leitor leva um conhecimento para o texto antes mesmo de iniciar a leitura. Aqui, o texto revela significados de acordo com as percepções de cada leitor, ou seja, um mesmo texto pode se revelar com significados diferentes tanto para diversos leitores quanto para diversas leituras de um mesmo leitor.

Convém explicitar, no entanto, que não cabem atribuições aleatórias de significados, porque em todo texto há elementos, sejam eles no âmbito linguístico ou a título de conhecimentos prévios, que acabam por limitar interpretações possíveis. Assim, não há como depreender significados sem considerar as ideias apontadas pelo próprio texto (Lucas 2017, p. 8 apud Braga e Busnardo, 1993).

Plataformas digitais, que permitem a criação de marcadores, anotações e a pesquisa de termos desconhecidos concomitante à leitura são ferramentas de grande relevância para o leitor.

Considerando ainda que a leitura é um processo que decorre não apenas da interação entre texto e leitor, mas de todo o conhecimento que este traz consigo e

aplica ao seu objeto de leitura, faz-se aqui agora menção ao terceiro modelo de leitura, o Modelo Interativo.

3.2.1.3 Modelo Interativo

Esse modelo, defendido por RUMELHART (1985), combina os dois modelos anteriores, o Top-Down e o Bottom-Up. Neste processo, o leitor faz uso de seus conhecimentos prévios ao mesmo tempo em que processa rápida e acuradamente letras e palavras, mas não dependendo do contexto para a decodificação destas unidades. O processo é altamente interativo, pois o conhecimento prévio do leitor, suas expectativas sobre o texto e o contexto que o cerca se aliam às noções de decodificação dos símbolos. Para Kleiman (1989, p. 17-18):

> *"...a leitura é considerada um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo momento com o que vem da página para chegar à compreensão. A leitura não é apenas a análise das unidades que são percebidas para, a partir daí, chegar a uma síntese. Também a partir da síntese ele procede à análise para verificar suas hipóteses, num processo em que, repetimos, tanto os dados da página como o conhecimento do leitor interagem como fontes de dados necessários à compreensão."*

Há que se ressaltar, no entanto, que este é um processo que funciona melhor para leitores mais maduros, ou seja, ele não processa da mesma forma em leitores nas fases iniciais de leitura. Ainda segundo Leffa (1996), citado por Lucas (2017), é a partir da intencionalidade do leitor que se inicia o processo de leitura, sendo necessário interesse na leitura para que se estabeleça um diálogo de sentidos entre leitor e texto.

Diante do exposto acima, parece fácil pensar na interpretação de texto em um "Modelo Simples de Leitura", como já delineado por GOUGH & TUNMER, 1986 e HOOVER & GOUGH, 1990, os quais afirmaram que "*A compreensão leitora é o produto de dois conjuntos de habilidades, a decodificação e a compreensão linguística."*

Entende-se aqui como “decodificação” a capacidade de extrair significado de uma palavra expressa numa linguagem construída por determinados códigos (verbais ou não-verbais), e “compreensão”, de acordo com a definição de HOOVER e GOUGH (1990, p. 131) como "a capacidade de tomar informações lexicais (isto é, informações semânticas no nível da palavra) e derivar interpretações de sentenças e discursos", ou seja, a capacidade de associar este significado à realidade que o cerca. Isso pressupõe que uma vez decodificada a palavra, a compreensão da leitura pode ser alcançada. Os autores acima afirmam ainda que, à medida que os indivíduos envelhecem, sua capacidade de decodificação aumenta, melhorando a relação entre compreensão linguística e compreensão leitora.

3.3 O conceito de Hipertextualidade

Baseia-se numa escrita não sequencial e não linear. A hipertextualidade, característica marcante do ambiente digital, permite que o leitor explore o texto seguindo os seus próprios interesses e construindo suas próprias conexões entre as informações. É um processo multifacetado e aberto, já que a possibilidade de interagir com outros leitores/textos por meio de comentários e fóruns online também enriquece a experiência de leitura, promovendo a construção colaborativa de significados. CANAVILHA (2014) chama o Hipertexto de possibilidade de ligações de blocos de textos ente si.

Fato é que a compreensão leitora depende não apenas de aspectos linguísticos, mas também de aspectos cognitivos. **Toda leitura sofre influência do ponto de vista de seu leitor, o qual é construído através de suas vivências, crenças e valores.**

Ao se propor uma análise simplista de uma interpretação textual, considera- se como fundamentos básicos para o sucesso da empreitada a sequência Decodificar e Compreender. E o que cabe aqui ressaltar é que o fracasso em um desses dois pontos importantes no processo de leitura implica nas dificuldades de compreensão que uns leitores apresentam e outros não.

Retomando a ideia de que a leitura é produto de interação entre o leitor e seu texto, o professor assume um papel importante, pois se transforma em um agente

mediador entre as diversas leituras que mundo que o aluno carrega consigo e as informações que constam no texto.

Santos (2017), através de GOODY e BROPHY (1987), cita três requisitos essenciais para que o professor possa incentivar seus alunos à leitura. Um ambiente alfabetizado, atividades adequadas ao nível do aluno, caso contrário pode provocar frustração, e por último e não menos importante, atividades com objetivos condizentes à sua realidade. GOODY e BROPHY (1982) afirmam que o sucesso do ensino da leitura está diretamente associado à forma como as crianças são ensinadas a ler e nisto reside a importância do educador.

A relação entre os modelos de leitura e as tecnologias digitais é complexa e multifacetada. Por um lado, as tecnologias digitais oferecem novas ferramentas e recursos que podem potencializar a compreensão e o aprendizado. Por outro lado, a sobrecarga de informações e a fragmentação da atenção podem dificultar a leitura profunda e reflexiva. É neste ponto que se torna fundamental que os educadores e pesquisadores reflitam sobre como utilizar as tecnologias digitais de forma a promover o desenvolvimento de leitores críticos e autônomos, capazes de navegar no mar de informações do mundo digital.

3.4 O uso de Tecnologias Digitais aplicadas à Educação

Não há, atualmente, como dissociar o uso das tecnologias, sejam elas digitais ou analógicas, à vivência humana. Faz-se necessário, no entanto, discutir a relação entre tecnologia e as práticas de ensino, em quaisquer que sejam suas esferas.

> *"As transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas das últimas décadas têm impactado de forma significativa a vida das pessoas, as relações estabelecidas entre elas, o mundo do trabalho e, por conseguinte, a escola. Esta última talvez seja a que mais tem sido "sacudida", dada a solidez histórica de sua estrutura."* (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017)

É inegável a imersão da sociedade na atividade tecnológica digital, mas até que

ponto as escolas estão preparadas para essa prática imersiva com sabedoria e responsabilidade?

As políticas públicas que promovem e defendem seu uso ainda precisam avançar neste campo. E embora a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) já aponte a inclusão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na Educação Básica, ainda há um hiato entre sua proposta e sua aplicação. Percebe-se pouca (ou quase nenhuma) estratégia de uso metodológico empregando as TDIC. Em outras palavras, se a sociedade cavalga a passos largos em direção ao futuro montada nas TIDC, a educação utiliza pouco ou quase nenhum artefato tecnológico digital. É uma dissociação entre o discurso e a prática, já que as salas de aula conservam muito do rigor educacional proposto há mais de 200 anos.

3.4.1 Educação de Qualidade x Ensino de Qualidade

Convém fazer aqui uma distinção entre Ensino e Educação. Ensinar pressupõe "*repassar ensinamentos sobre*", sendo mais específica a sua finalidade. Educar vai além. É associar Ensino e Vida, Conhecimento e Ética, Reflexão e Ação. Educar tende a levar o indivíduo a uma transformação social. O agente educador é uma ferramenta na construção de uma identidade pessoal. Enquanto Ensinar atinge a esfera individual, Educar vai além, alcançando a esfera social. E se a sociedade está se transformando com a rapidez de um tornado, e a tecnologia tem muito a ver com isso, como utilizar o Ensino para desenvolvimento de competências dentro da sociedade se a escola ainda está presa a preceitos há mais de dois séculos?

Urge a necessidade de a escola se reinventar e assumir sua posição frente ao século XXI e suas demandas. A tecnologia precisa ser vista como uma aliada no processo de Ensinar.

O professor também carece de formação para o uso das tecnologias em sua sala de aula. Ele tem a oportunidade de conectar os conteúdos escolares às realidades dos alunos e seus enfrentamentos sociais. E em um mundo cada vez mais conectado, é através de suas aulas que há a oportunidade de preparar cidadãos para a prática cotidiana que se revela cada vez mais exigente tecnologicamente. E se a tecnologia está permitindo o acesso a um vasto potencial para a inovação educativa, também o professor deve ensinar a seu aluno fazer uso

dessa tecnologia de maneira consciente e ética, tendo entendimento dos impactos que ela terá na sociedade, e de que forma ela será um aporte, e não o centro das atenções.

3.4.2 Teoria da Aprendizagem Ativa

O método ativo consiste basicamente em uma mudança de referencial, quando se coloca o aluno na posição de maior interessado e praticante do processo de ensino-aprendizagem. Essa realocação desfaz o tradicionalismo pedagógico, modelo centrado no professor no qual os alunos apenas reproduzem o que por ele lhes é transmitido.

Neste caso, toda e qualquer ação pedagógica proposta pelo professor deve ser elaborada na perspectiva do aluno, para que ele encontre algum sentido naquilo que vê como novo, ou no que reconhece como já aprendido.

Além disso, a necessidade de mudança nas práticas pedagógicas tradicionais representa um grande desafio. As metodologias de ensino que se baseiam em um modelo centrado na transmissão de conhecimento pelo professor devem ser repensadas e reformuladas para incorporar práticas mais dinâmicas e interativas, que favoreçam o protagonismo do aluno e o uso criativo das TDIC. Essa mudança requer uma reestruturação do planejamento pedagógico e uma disposição para experimentar novas abordagens, o que pode ser difícil para professores acostumados com métodos mais convencionais. Como sugere Moran (2015), a transformação das práticas pedagógicas tradicionais para um modelo que integre as TDIC de forma eficaz depende de uma formação docente que promova a experimentação e a inovação, incentivando os professores a adotarem novas estratégias de ensino.

Essa metodologia não é necessariamente algo novo. Rousseau, em 1792, na sua obra Emílio, já manifestava sua visão de que a aprendizagem centrada no aluno pode promover sua autonomia e participação ativa. Neste caso, o professor é um agente condutor do processo, e o aluno um ser em autoconstrução.

Na sua aplicabilidade, o Modelo Centrado no Aluno, onde ele é o protagonista de sua própria aprendizagem, é o mais conhecido. No entanto, há outros modelos vigentes e que empregam a tecnologia de forma eficiente. O Modelo Colaborativo proporciona uma aprendizagem em que os alunos podem trocar ideias e

construírem seus conhecimentos a partir da colaboração de outros alunos. Plataformas online, ferramentas de comunicação e ambientes virtuais de aprendizagem são exemplos de recursos que podem ser utilizados nesse modelo. Há ainda o Modelo Híbrido, que funciona combinando elementos do ensino presencial com o ensino online. Neste caso, as tecnologias fazem-se fundamentais na organização, continuidade e aplicabilidade do processo.

Várias são as estratégias que o professor pode empregar em suas aulas para transformar o aprendizado em uma experiência divertida e desafiadora. Gamificação, Projetos Colaborativos Online, uso de Realidade Virtual, Recursos Digitais Interativos e a própria Sala de Aula Invertida podem tornar as aulas mais atraentes e dinâmicas.

Não há como negar os desafios a serem vencidos, como falta de acesso à Internet e ter professores capacitados e dispostos a mudar seu viés metodológico, por exemplo. Mas integrar essas práticas no cotidiano escolar permite que o aluno se torne um agente ativo na construção do seu conhecimento, tornando o aprendizado mais significativo, engajador e conectado com as demandas do mundo contemporâneo.

3.5 A BNCC e as Competências Leitoras

Organizada em cinco eixos principais: Leitura, Oralidade, Escrita, Análise Linguística/Semiótica e Literatura, a Base Nacional Curricular Comum apresenta as habilidades de Leitura e Interpretação Textual como essenciais para a formação cidadã do aluno. Ela enfatiza que a criticidade deve ser um ponto a ser desenvolvido a partir do hábito da leitura, e que esta deve ir além do simples ato de decodificação dos signos.

O documento propõe dez Competências Gerais, as quais devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica. O destaque dado ao eixo Leitura é tamanho, que dessas dez Competências Gerais, quatro referem-se à prática leitora, conforme mostra em destaque a Figura 3. E mais: especificamente a Competência 5 trata da cultura digital, propondo que a leitura ganhe novas dimensões, onde o aluno deverá usar as tecnologias digitais de maneira crítica e responsável. O documento enfatiza que a ética e a responsabilidade no uso das ferramentas tecnológicas devem ser praticadas de maneira a levar os alunos a tornarem-se cidadãos ativos e

conscientes na era digital.

Fig. 3 – As 10 Competências Gerais da BNCC



Fonte: Elaborado pela própria autora

Especificamente no campo da Língua Portuguesa, a BNCC enfatiza que o desenvolvimento da leitura e da interpretação de textos deve ser uma prática social e significativa para o aluno. No que tange à interpretação de textos, mais especificamente, fica bastante claro que há uma preocupação que envolve a capacidade de perceber as nuances linguísticas e ideológicas presentes nos textos, além de procurar fazer com que o aluno estabeleça conexões com outros conhecimentos.

Fato é que a Leitura crítica e reflexiva é um dos objetivos da Base, porque na sua visão o aluno deve participar ativamente da sociedade em que está inserido, compreendendo e sendo capaz de discutir as questões relevantes para o mundo.

3.6 Formação de Professores e Competência Digital

Se já foram citados alguns entraves estruturais ou tecnológicos. E esses são problemas bem evidentes, pois a infraestrutura precária, como dizia Moran (2015) é um dos maiores problemas para que as tecnologias digitais se façam presentes nos ambientes educacionais, pois é um impeditivo para que professores e alunos tenham acesso às ferramentas necessárias para uma inovação educacional. Mas além desse problema, cabe aqui falar sobre a formação continuada dos professores, que

é um elemento fundamental no processo de efetivação das Tecnologias Digitais nas práticas pedagógicas.

No ensino contemporâneo, a competência digital desempenha um papel fundamental. Não adianta falar em Metodologias Ativas ou desenvolvimento de habilidades para o século XXI sem entender que é o professor o agente inovador dentro da escola, a ele cabe empregar as tecnologias digitais de forma reflexiva e principalmente criativa. É o professor que vai mostrar ao aluno como a TDIC que ele está levando para dentro de sua sala de aula será uma ferramenta de modernidade, mas também de uso crítico e ético. É preciso apresentar ao aluno a ideia de que a tecnologia não tem um fim em si mesmo, mas é uma aliada do professor. Mas ele não dá conta disso sem uma formação que lhe permita conhecer o uso técnico das ferramentas digitais, suas possibilidades de conexão com o conteúdo a ser trabalhado e, principalmente, acesso a suporte pedagógico para aplicação das tecnologias no processo ensino-aprendizagem.

A formação, além das barreiras do conhecimento, também possibilita superar o desafio da resistência que o profissional educador apresenta. O desconforto, seja ele pelo desconhecimento do processo, ou da ferramenta, seja pela falta de familiaridade com as ferramentas ou até mesmo pelo medo de que as tecnologias digitais sejam capazes de substituir suas práticas tradicionais de ensino, pode ser substituído pela confiança adquirida em uma formação que não apenas ensine o uso técnico das ferramentas, mas que também demonstre, na prática, tomo as TDIC podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, sem eliminar o papel do professor.

Conforme aponta Kenski (2012), o professor precisa ser continuamente formado para enfrentar os desafios impostos pelas inovações tecnológicas, de modo a garantir que suas práticas pedagógicas estejam sempre alinhadas às novas demandas educacionais. Kenski (2012) ainda enfatiza ainda que a formação docente deve abordar tanto as questões técnicas quanto as pedagógicas, para que o professor se sinta confiante e capacitado a integrar a tecnologia de maneira significativa em suas aulas.

E essa não é uma demanda única. Almeida (2017) também alega que essa formação precisa ser contínua, já que as inovações tecnológicas e as mudanças nas demandas educacionais são constantes. É preciso que o professor se mantenha atualizado e capaz de explorar todo o potencial das TDIC em suas aulas.

Ao considerar as alfabetizações midiáticas como uma diretriz política essencial na formação de professores, é crucial considerar a maneira como os alunos se percebem, sentem e interagem com o mundo. JENKINS (2009), aponta que os jovens contemporâneos são nativos digitais inseridos em um ambiente midiático rico e interconectado. Assim, as escolas devem preparar os educadores para atuarem como mediadores nesse processo, ajudando os alunos a desenvolver competências críticas para navegar nesse cenário complexo. É vital que a formação docente aborde as implicações das tecnologias digitais na formação da identidade e do conhecimento, levando em conta as diversas realidades e vivências dos alunos.

Ao refletir sobre a dinâmica da sala de aula, é necessário ir além da mera inclusão de ferramentas tecnológicas. LÈVY (1999) ressalta que a tecnologia não é neutra e influencia as maneiras de pensar e agir. Portanto, a escola deve fomentar um uso crítico e reflexivo das tecnologias, promovendo a criação de conhecimento e a colaboração entre os alunos. A formação de professores deve capacitá-los a criar ambientes de aprendizagem que incentivem a participação ativa dos alunos, valorizando suas diferentes perspectivas e experiências. Nesse aspecto, a teoria sociocultural de VYGOTSKY (1984) oferece contribuições significativas para entender como o conhecimento é construído socialmente e como o professor pode desempenhar o papel de mediador nesse processo.

Portanto, a formação docente para o uso das TDIC não é apenas uma questão de aprender a utilizar novas ferramentas tecnológicas, mas também de promover uma transformação na cultura educacional, onde o uso das tecnologias digitais é visto como uma parte integrada e indispensável do processo pedagógico. Essa transformação demanda tempo, apoio institucional e, principalmente, uma formação continuada que esteja alinhada com as necessidades e desafios do professor no século XXI.

4 METODOLOGIA

A Resolução 510/2016. do Conselho Nacional de Saúde (CNS), em seu artigo 1º parágrafo único, incisos VII e VIII declaram que:

Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

(...)

> *VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito;*
> *VIII – atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização.*

Por outro lado, e complementando a Resolução 510/16, trazemos a Resolução 466/12 também do Conselho Nacional de Saúde que versa em seu inciso II sobre termos e definições a serem usados em ética da pesquisa: Esta Resolução define a finalidade da nossa pesquisa de Mestrado, em seu inciso II-12.

> *II.12 - pesquisa - processo formal e sistemático que visa à produção, ao avanço do conhecimento e/ou à obtenção de respostas para problemas mediante emprego de método científico.*

Segundo dados públicos, a pesquisa científica objetiva primordialmente desenvolver tecnologia. Não é esta a nossa finalidade, que consiste em ter uma percepção mais global do conhecimento em novas tecnologias digitais e sua aplicação em sala de aula, pelos professores das escolas públicas do Rio de Janeiro. A rede Municipal necessita desta informação e para tanto usaremos a metodologia científica padrão de Lakatos e Marconi (2017) e definiremos as etapas do caminho metodológico que seguiremos.

Optou-se por uma pesquisa preliminar por entender que esta constitui-se essencial em estudos que envolvem seres humanos, de forma que seus objetivos possam ser mais claramente definidos e garantindo que os procedimentos éticos sejam seguidos, avaliando-se claramente possíveis riscos e benefícios aos participantes.

A Resolução 510/16 considera etapas preliminares de uma pesquisa:

> *XII – (...) as atividades que o pesquisador tem que desenvolver para averiguar as condições de possibilidade de realização da pesquisa, incluindo investigação documental e contatos diretos com possíveis participantes, sem sua identificação e sem o registro público e formal das informações assim obtidas; não devendo ser confundidas com "estudos exploratórios" ou com "pesquisas piloto", que devem ser consideradas como projetos de pesquisas. Incluem-se nas etapas preliminares as visitas às comunidades, aos serviços, as conversas com liderança comunitárias, entre outros.*

Os resultados da pesquisa serão entregues à Rede Municipal que tomará decisões importantes quanto à formação de professores.

As etapas do Caminho metodológico assim se constituem:

Etapa 1 – Revisão bibliográfica;

Etapa 2 – Sondagem qualitativa pelo whatsapp do perfil do professor e o uso de tecnologias.

Nesta etapa pretendeu-se adotar uma abordagem qualitativa, na medida em que fez-se uso de um questionário online, aplicado através da plataforma gratuita Google Forms, no qual constou seis perguntas fechadas sobre o perfil do professor, sendo a última pergunta sobre o impacto que o uso de tecnologias digitais em sala de aula provoca no desenvolvimento do conteúdo a ser trabalhado.

Este formulário foi disponibilizado através da plataforma WhatsApp, seguindo as orientações da Carta Circular Número 1/2021, para grupos de professores de língua portuguesa e ficou disponível por dez dias. No cabeçalho introdutório do questionário, uma breve explicação sobre a natureza da pesquisa, sua relevância, objetivo geral e tratado de confidencialidade. Segundo MINAYO (1993), este tipo de investigação se propõe a quantificar fenômenos e testar hipóteses. Cada colaborador pode decidir se queria ou não participar do questionário acessando ou não o link do

mesmo.

Etapa 3 - Entrevista com professores

A partir da coleta desses dados, iniciou-se a terceira etapa, a qual consistiu em uma entrevista com professores que fazem ou não uso de tecnologias com fins educativos ou não, de forma a entender suas pretensões quanto ao uso, seus entraves e os resultados de suas aulas com e sem o uso de dispositivos tecnológicos digitais. Ainda sobre MINAYO (1993), as entrevistas são fundamentais para a captação de complexidades no que tange ao comportamento humano e às dinâmicas sociais que permeiam os ambientes. Elas permitem uma análise mais enriquecida pelos contextos sociais em questão. Desta forma, pretendeu-se usar o método quantitativo como um primeiro passo para alcançar um conhecimento produzido pelo método qualitativo, ou seja, a proposta foi fazer uma análise qualitativa dos dados obtidos quantitativamente. Esta terceira etapa contou com uma amostra de respondentes que foi um subconjunto de professores que responderam ao questionário e que demonstraram ou forte uso de tecnologias nas atividades em sala de aula ou um uso ainda incipiente destes recursos. O objetivo das entrevistas foi explorar mais profundamente os motivos por trás do uso ou da não utilização das tecnologias digitais em suas práticas pedagógicas. As perguntas foram elaboradas de acordo com os objetivos específicos desta preliminar de pesquisa buscando entender as questões que permeiam quem usa e quem não usa tecnologias digitais em seu contexto educacional.

As entrevistas permitiram uma investigação qualitativa, proporcionando insights sobre:

✓ Motivações e resistências em relação ao uso de tecnologias.

✓ Exemplos de práticas exitosas ou desafiadoras.

✓ Percepções sobre o impacto das tecnologias no aprendizado dos alunos

✓ Investigação sobre o interesse em acessar um produto digital que contenha sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais.

A última pergunta da entrevista versou sobre haver ou não interesse do colaborador em acessar um Blog com sugestões de práticas educacionais com uso de tecnologias em sala de aula. Esta pergunta vem ao encontro do último objetivo específico da proposta de pesquisa, que busca identificar algum tipo de interesse por parte do Participante em acessar material didático digital para auxiliá-lo em suas aulas. Este é, então, o produto final desta pesquisa de Mestrado Profissional.

Reitera-se que em nenhum momento o participante da pesquisa será identificado, sendo tratado como Participante 1, 2, 3 e assim por diante.

Essas etapas permitiram estabelecer uma compreensão profunda dos processos e das percepções dos professores sobre o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nas aulas de interpretação de textos. A abordagem descritiva buscou caracterizar o impacto dessas estratégias sobre o engajamento e o desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos.

A pesquisa foi realizada com professores do segundo segmento do Ensino Fundamental da Educação Básica, e respeitará todos os princípios éticos, garantindo o consentimento informado dos participantes, a confidencialidade das informações e o uso responsável dos dados coletados.

Etapa 4 – Elaboração de uma plataforma em formato de Blog com sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais

A elaboração dessa plataforma tem por pretensão ser uma ferramenta para uso do professor com a finalidade de oferecer sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais nas diversas áreas de conhecimento.

Propõe-se ofertar modelos de aulas que possam ser dinamizados e adaptados nas mais diversas situações de propostas disciplinares.

Ela traz ainda, ao final do texto explicativo sobre a sugestão apresentada, uma sequência didática para visualização do professor, explicitando o passo a passo de cada momento da proposta.

Fig. 4 – ETAPAS DO PERCURSO METODOLÓGICO



Fonte: Elaborado pela própria autora

4.1 Etapa 1: Revisão Bibliográfica

Conforme descrito anteriormente no capítulo 1, subcapítulos 1.1 e 1.2, buscou-se aqui investigar de que forma o uso de tecnologias digitais na educação poderia ajudar a reverter o resultado do PISA de 2022, no qual revela que os estudantes brasileiros têm apresentado baixo rendimento nas áreas de CIÊNCIAS, MATEMÁTICA, e no que tange a nossa pesquisa, LEITURA.

E apesar do relatório do MEC apresentar várias possíveis causas para esse desempenho ruim, "**Uso Limitado de Recursos Digitais para Incentivar a Leitura"** e "**Resistência Cultural ao Uso de Tecnologias na Educação"** aparecem dentre essas causas.

Esta Preliminar de Pesquisa busca, então, investigar a relevância do objeto de estudo, tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista prático da vida educacional.

4.2 Etapa 2: Sondagem do perfil do professor e o uso de tecnologias

Nesta fase do percurso metodológico, foi realizado um questionário direcionado a professores de Língua Portuguesa, com o qual pretendeu-se traçar um perfil dos educadores atuantes em escolas de Ensino Fundamental tanto da rede pública quanto da rede privada, bem como identificar ausência ou presença de dificuldades e obstáculos enfrentados pelos mesmos, e sua predisposição quanto ao uso de instrumentos pedagógicos tecnológicos na sua prática pedagógica.

Essa coleta de dados foi fundamental para a compreensão das características dos docentes, como faixa etária, tempo de experiência na profissão, se atuam em instituições públicas ou privadas, e como as tecnologias digitais estão integradas às suas práticas pedagógicas.

Entender o perfil dos professores é um passo essencial na construção desta preliminar de pesquisa, pois essas informações não apenas iluminam as condições e contextos em que os educadores trabalham, mas também ajudam a identificar lacunas no uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

4.2.1 Elaboração do Questionário

O questionário foi composto de sete perguntas para que se pudesse construir um retrato de forma a relacionar o corpo docente, suas características e sua relação com a tecnologia no contexto escolar. Foi elaborado através da plataforma do Google Forms. Em seu cabeçalho, uma mensagem explicando o objetivo do questionário.

"Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa acadêmica que faz parte

do meu trabalho de dissertação no Mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação. O objetivo geral desta pesquisa é investigar como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem ser utilizadas na sala de aula de forma a auxiliar o professor nas aulas de interpretação de textos narrativos, estimulando o aluno a práticas leitoras dinâmicas e capazes de promover a compreensão, a produção textual e o engajamento em outros gêneros textuais além do Narrativo.
Para dar início ao percurso metodológico, a proposta deste questionário é investigar a frequência do uso de tecnologias digitais nas aulas, bem como traçar um perfil do profissional que faz uso.
A sua participação consiste em responder a um breve questionário, que levará aproximadamente 2 minutos. As respostas fornecidas serão tratadas de forma anônima e confidencial, sendo utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. A sua participação implicará no consentimento livre a esta preliminar de pesquisa."

As perguntas versaram sobre sua faixa etária, o gênero com o qual se identificam, se lecionam em Rede Pública ou Privada e se em sua escola há algum tipo de tecnologia digital disponível.

Esse questionário circulou em grupos de WhatsApp, especificamente com professores de língua portuguesa. Ele foi disparado em quatro grupos, de duas redes públicas distintas e em um grupo de estudos para concursos públicos. Ao todo, 126 professores receberam este questionário (já desconsiderando professores em comum entre os grupos). A devolutiva foi de 39 professores, o que significa que cerca de 30% (trinta por cento) responderam.

Na primeira pergunta buscou-se identificar a faixa etária do professor, e embora não haja qualquer relação comprovadamente científica entre a idade do professor e sua frequência de uso de tecnologias digitais em sala de aula, essa informação é importante para a configuração da entrevista que se irá propor. A relação significativa perpassa pela dificuldade ou facilidade de adaptação a inovações tecnológicas.

A segunda pergunta "*Com que gênero você se identifica?*" é bastante subjetiva e propõe-se apenas a confirmar ou não uma possível desigualdade de gênero no uso da tecnologia, já que de acordo com o Informe *Inovação, mudança tecnológica e*

educação na era digital para alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas, publicado pela ONU em 2022, revela que meninas e mulheres utilizam menos os recursos tecnológicos digitais que o sexo oposto.

A terceira pergunta busca saber se o participante leciona em rede pública, privada ou ambas. Essa questão, embora não se possa generalizar, pode apontar indícios sobre onde os recursos digitais estão mais disponíveis.

A quarta pergunta foca no tempo de experiência profissional do participante. A experiência de ensino pode influenciar significativamente a percepção dos professores sobre o uso de tecnologias em sala de aula. Professores com longa trajetória profissional, por vezes, tendem a valorizar métodos tradicionais que já se mostraram eficazes em suas práticas. Essa familiaridade com abordagens consolidadas pode levar à resistência em incorporar novas ferramentas, por temerem que estas interrompam o fluxo de suas aulas. No entanto, a mesma experiência pode proporcionar aos docentes a flexibilidade necessária para experimentar novas tecnologias, caso percebam que estas podem trazer benefícios claros para o processo de ensino e aprendizagem.

A quinta pergunta "*Você trabalha em alguma escola que dispõe de algum tipo de dispositivo tecnológico para uso do professor?*" tem por objetivo entender se o uso ou não de tecnologias digitais em sala de aula passa ou não pela oferta das mesmas por parte da escola.

A sexta pergunta é uma pergunta de escala, a escala de Likert, cujo objetivo é medir as atitudes e o grau de conformidade do participante com uma determinada situação, que no caso é "*Com que frequência você faz uso de algum tipo de dispositivo tecnológico em suas aulas?".* A resposta vai levar a sétima e última pergunta. Mas o formulário encerrará a pesquisa caso a resposta seja NUNCA. Esta pergunta tende a oferecer insights diretos sobre a integração real das TDICs em sala de aula. Através dela será possível mapear o uso da tecnologia para verificar se estão sendo usadas de forma consistente. A frequência de uso pode indicar o nível de conforto ou a intimidade dos professores com a prática tecnológica. Uma baixa frequência, no entanto, pode sugerir falta de formação, infraestrutura ou até mesmo resistência quanto ao uso.

Finalmente a sétima e última pergunta do questionário. Ela aborda o impacto que o uso ou o não uso das TDIC tem em sala de aula. A pergunta é "*Quando você faz uso de tecnologias digitais em sala de aula, você percebe que (pode marcar mais de uma resposta)*:"

As opções de respostas foram:

- ✓ *"O aluno demonstra interesse maior pelo conteúdo aplicado"*
- ✓ *"O interesse do aluno pela aula não é diferente nas aulas tradicionais." "É mais prático dar aula com uso de tecnologias digitais."*
- ✓ *"Não acredito que o uso de tecnologias digitais em sala de aula seja algo relevante para minha metodologia."*
- ✓ *"O uso de tecnologias digitais em sala de aula tende a aumentar cada vez mais."*
- ✓ *"O uso de tecnologias digitais e em sala de aula é uma técnica que levará tempo para ser incorporada com frequência."*
- ✓ *"O interesse do aluno no conteúdo aumenta com o uso de tecnologias digitais."*
- ✓ *"O uso de tecnologias digitais diminui a capacidade de concentração do aluno."*

Os resultados dessa pergunta contribuem para entender a percepção dos professores sobre o uso de tecnologias digitais em sala de aula. Será possível perceber o nível de engajamento dos alunos, se há praticidade para o professor, se há algum tipo de ceticismo, as pretensões do professor a adotar práticas tecnológicas, entre outras possibilidades. Esses resultados, quando cruzados com outras variáveis, como faixa etária, tempo de experiência ou tipo de escola, vão ajudar a entender os fatores que influenciam a adoção e o uso das tecnologias no ensino e o impacto que elas têm no processo de aprendizagem e engajamento dos alunos.

O questionário encontra-se na íntegra no APÊNDICE A - Material Didático Pesquisa sobre o uso de tecnologias digitais em sala de aula.

4.2.2 Análise dos dados obtidos através do questionário

A análise do questionário foi validada a partir do levantamento e da

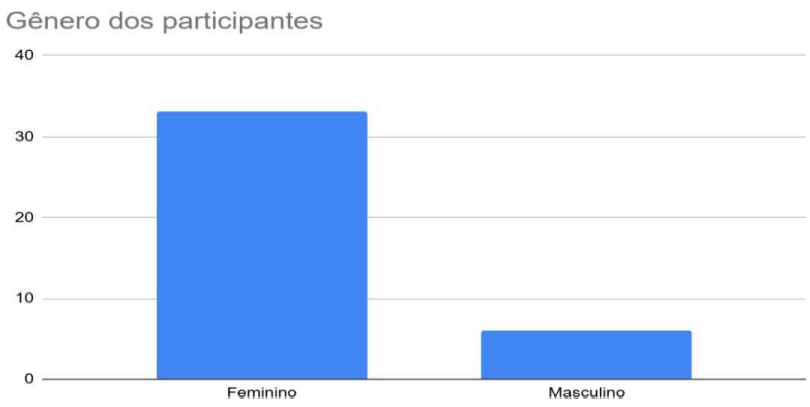
categorização das respostas obtidas. MARCONI & LAKATOS (2003) destacam a importância de o pesquisador interpretar os resultados fazendo uma reflexão crítica sobre o que os dados significam em relação ao problema de pesquisa. A organização do questionário, o processo inicial de categorização e a análise exploratória foram combinados com critérios de clareza e objetividade, bem como a capacidade de gerar insights práticos, ou seja, buscar informações que possam fundamentar a hipótese de que o uso de tecnologias digitais em sala de aula pode aumentar o engajamento dos alunos em atividades de leitura.

Além disso, dados gráficos podem ilustrar sobremaneira e de forma mais organizada, clara e objetiva, as ideias dos colaboradores, e é o que aqui se pretende. A pesquisa qualitativa em questão, obtida através do Forms via Plataforma de Mensagens Online, revelou informações interessantes, como pode-se observar a seguir. Vale destacar aqui que para esta análise apenas, não se seguiu a ordem das perguntas.

O questionário foi replicado especificamente em grupos de professores de Educação Básica, especificamente para professores de língua portuguesa que atuam no segundo segmento do Ensino Fundamental II. Trinta e nove docentes responderam de forma voluntária à pesquisa em questão.

A primeira pergunta do questionário carrega em si a tentativa de associar ideia de que, seguindo o já citado relatório da ONU, o gênero feminino faz menos uso de recursos tecnológicos que o masculino. No entanto, não houve como estabelecer esta relação, visto que há que se considerar que a feminização no magistério é um fenômeno enraizado na história e nas relações de gênero.

Gráfico 2 – Gênero dos participantes



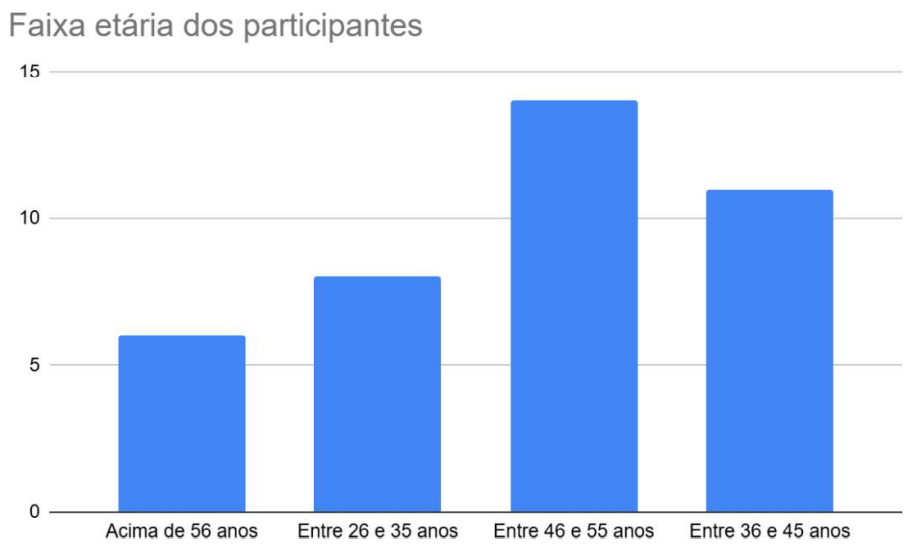
Fonte: Elaborado pela própria autora

A ideia de que as mulheres são mais aptas a cuidar e educar crianças é uma construção social antiga e contribuiu muito para a feminização do quadro educacional, que ainda hoje é maioria. PRA & CEGATTI, em seu artigo intitulado *Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico*, 2016, relatam que um dos espaços profissionais em que as mulheres conseguiram se incorporar mais facilmente ao mercado de trabalho foi pela Educação, principalmente pela porta da docência. Esse dado histórico justifica a tendência à feminização nesta área.

Relativamente a esta pesquisa, não houve um número significativo de respondentes do gênero masculino que pudesse estabelecer este tipo de relação. Em vista do exposto, a relação divulgada no relatório não é pertinente a este estudo.

Com relação à idade dos respondentes, o maior número de participantes enquadra-se na faixa etária "*Entre 46 e 55 anos*", com 14 respostas, seguido de "*Entre 36 e 45 anos*", com 11 respostas.

Gráfico 3 – Faixa etária dos participantes



Fonte: Elaborado pela própria autora

A opção "*Acima de 56 anos*" teve o menor número de respostas, apenas 6, o que possivelmente pode indicar também menor número de profissionais nesta faixa etária ainda atuantes.

Não houve participação de docentes até 25 anos de idade.

Convém salientar que nem todos os professores mais jovens têm facilidade com tecnologia, e nem todos os professores mais velhos resistem a ela. A formação

continuada, o interesse pessoal e as oportunidades oferecidas pela escola também desempenham papéis fundamentais. Esta pesquisa não tende a praticar qualquer tipo de etarismo.

A próxima análise sobre a pergunta "*Com que frequência você faz uso de algum tipo de dispositivo tecnológico em suas aulas?*" trouxe um dado fundamental para esta preliminar de pesquisa. A maioria das respostas, mais da metade dos participantes, foi que RARAMENTE usam a tecnologia em suas aulas. Também houve um expressivo número para a resposta NUNCA.

Tabela 2 – Quantidade de respostas para cada opção

Com que frequência você faz uso de algum tipo de dispositivo tecnológico em suas aulas?	
Nunca	6
Quase sempre	8
Raramente	22
Sempre	3
Total geral	**39**

Fonte: Elaborado pela própria autora

Depreende-se desta análise que o uso de tecnologia ainda não é uma prática consolidada. Apenas 3 professores declararam usar as tecnologias digitais **"Sempre"**, apresentando um baixo nível de incorporação consistente dessa ferramenta no cotidiano. Isso revela que pode haver um potencial a ser trabalhado para o fortalecimento no uso regular das tecnologias digitais. E mais: com apenas 8 professores afirmando uso "**quase sempre**", e apenas 3 utilizando "**sempre**", reflete-se aqui que o uso consistente ainda é um desafio.

Ao cruzar os dados obtidos sobre a faixa etária dos respondentes e a frequência no uso de tecnologia em suas aulas, verificou-se que a resposta "**Raramente**" foi predominante em todas as faixas etárias, mostrando que não há relação com a idade do respondente.

Tabela 2 – Faixa etária dos participantes x Frequência de uso

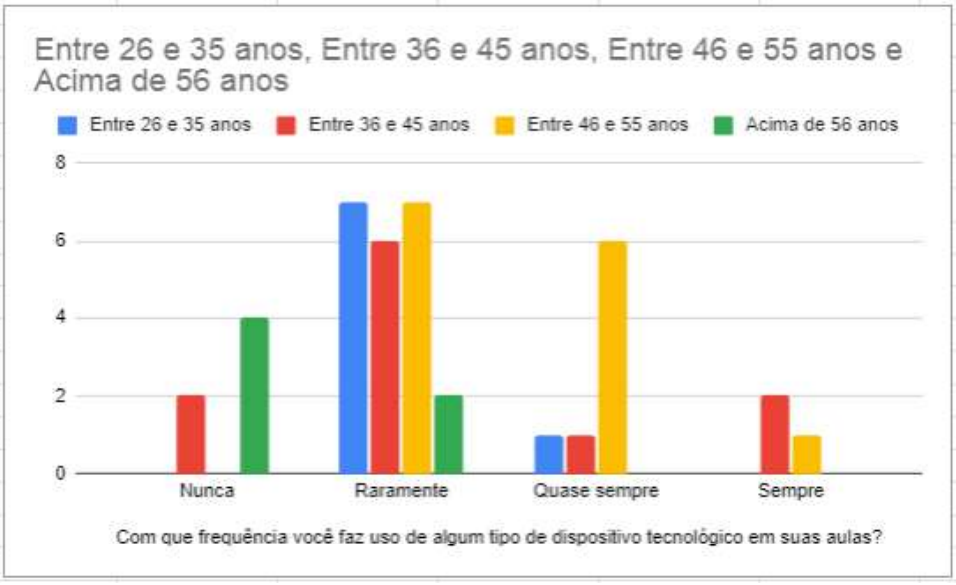
Faixa Etária					
Com que frequência você faz uso de algum tipo de dispositivo tecnológico em suas aulas?	Entre 26 e 35 anos	Entre 36 e 45 anos	Entre 46 e 55 anos	Acima de 56 anos	Total geral
Nunca		2		4	6
Raramente	7	6	7	2	22
Quase sempre	1	1	6		8
Sempre		2	1		3
Total geral	**8**	**11**	**14**	**6**	**39**

Fonte: Elaborado pela própria autora

Pode-se aferir que o uso de tecnologias digitais na sala de aula ainda é esporádico, apresentando variações de adesão entre diferentes perfis de professores, com desafios específicos tanto para aqueles com maior experiência docente quanto para aqueles que estão em início de carreira.

Para um melhor entendimento:

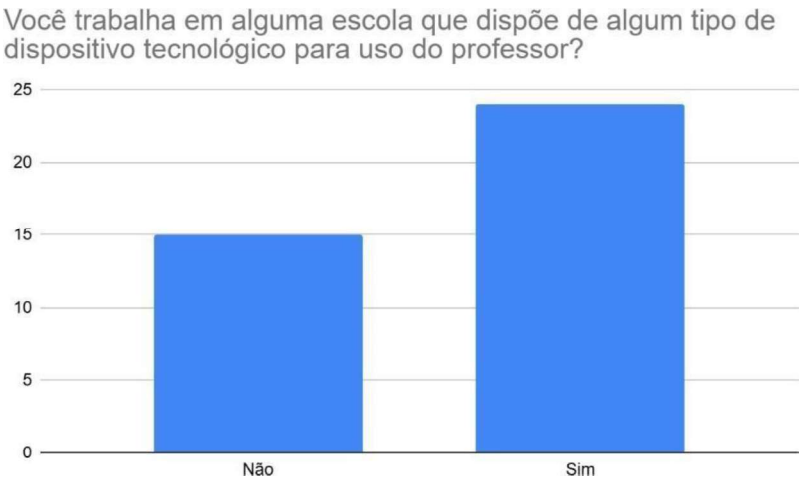
Gráfico 4 – Faixa etária dos participantes



Fonte: Elaborado pela própria autora

Uma possibilidade para justificativa de baixa adesão ao uso de TDIC em sala de aula pode ser encontrada nos dados obtidos pela pergunta 5 "*Você trabalha em alguma escola que dispõe de algum tipo de dispositivo tecnológico para uso do professor?*". As respostas encontradas foram:

Gráfico 5 – Oferta de recurso tecnológico na escola em que atua



Fonte: Elaborado pela própria autora

Não houve, no entanto, uma melhor elucidação quanto ao que seria dispositivo tecnológico para o respondente. Mas ao cruzar as informações acima como a frequência no uso de tecnologias nas práticas educacionais, com base nos resultados obtidos e já aqui expostos, elaborou-se o seguinte:

Tabela 3 – Frequência de uso de TDIC x Oferta de TDIC na escola em que atua

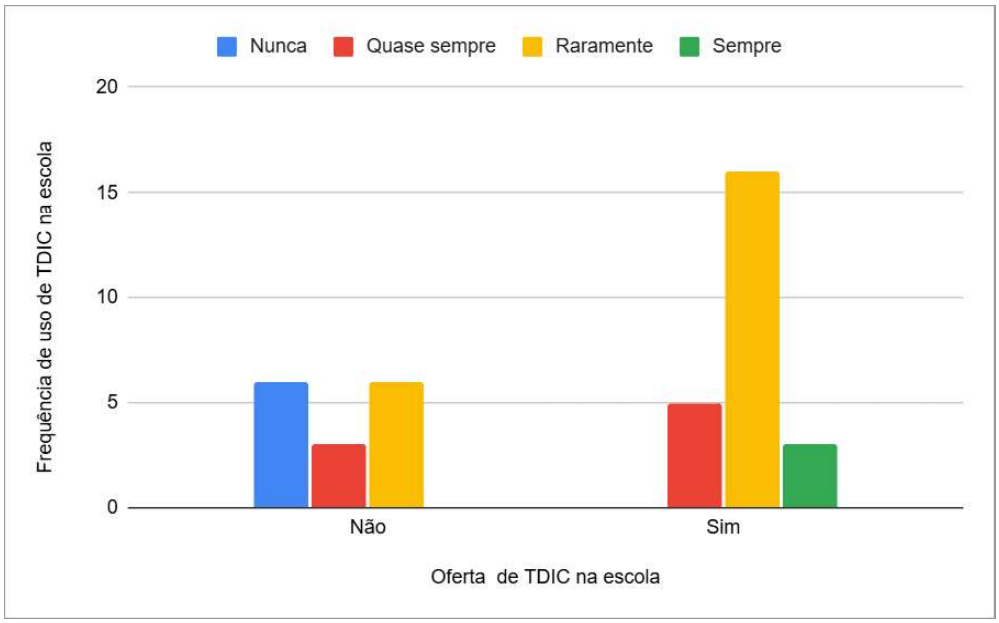
	Você trabalha em alguma escola que dispõe de algum tipo de dispositivo tecnológico para uso do professor?		
Com que frequência você faz uso de algum tipo de dispositivo tecnológico em suas aulas?	**Não**	**Sim**	**Total geral**
Nunca	6		6
Raramente	6	16	22
Quase sempre	3	5	8
Sempre		3	3
Total geral	**15**	**24**	**39**

Fonte: Elaborado pela própria autora

A disponibilidade de recursos tecnológicos nas escolas, por si só, não garante a efetividade de seu uso, mas diante do exposto, é possível inferir que também a falta deles é fator preponderante para adesão a esta prática. Nas escolas sem a oferta desse tipo de ferramenta, cerca de 80% (oitenta por cento) dos respondentes relataram que *Nunca* ou *Raramente* fazem uso de TDIC em suas aulas, o que se pode

considerar como significativo. Analisando-se as respostas dos professores que fazem uso *Sempre* ou *Quase Sempre* de tecnologias em suas práticas docentes, a maioria está inserida em escolas que disponibilizam artefatos tecnológicos, o que pode revelar a necessidade de iniciativas que promovam a integração de TDIC nos planejamentos pedagógicos.

Gráfico 6 – Oferta de recurso tecnológico na escola em que atua x Frequência de uso de TDIC



Fonte: Elaborado pela própria autora

O que claramente se depreende depois de analisar através do gráfico acima é que se não há oferta, a chance da não utilização é muito maior. E se há oferta, mesmo que esporadicamente, há uso.

O que se revelou, de fato, é que pode estar havendo um processo em curso para o uso da tecnologia digital em sala de aula. Mesmo tendo sido apontado que que a maioria dos professores tem acesso a essas ferramentas, a frequência de uso varia significativamente, o que pode sugerir um caminho a ser seguido para outras possíveis investigações que desta análise decorre.

Na última pergunta o respondente poderia escolher até três respostas das seguintes opções:

- ✓ *“O aluno demonstra interesse maior pelo conteúdo aplicado”*
- ✓ *“O interesse do aluno pela aula não é diferente nas aulas tradicionais.” “É mais prático dar aula com uso de tecnologias digitais.”*
- ✓ *“Não acredito que o uso de tecnologias digitais em sala de aula seja algo relevante para minha metodologia.”*
- ✓ *“O uso de tecnologias digitais em sala de aula tende a aumentar cada vez mais.”*
- ✓ *“O uso de tecnologias digitais e em sala de aula é uma técnica que levará tempo para ser incorporada com frequência.”*
- ✓ *“O interesse do aluno no conteúdo aumenta com o uso de tecnologias digitais.”*
- ✓ *“O uso de tecnologias digitais diminui a capacidade de concentração do aluno.”*

Se MARCONI e LAKATOS foram fundamentais para a preparação da pesquisa em campo, garantindo que os resultados obtidos fossem rigorosamente cuidadosos e confiáveis, BARDIN, e seus ensinamentos sobre categorização, foi relevante nesta fase, permitindo a construção de uma análise sistemática e prática, possibilitando a identificação de padrões e temas. Desta forma, optou-se por categorizar estas opções de respostas em um conjunto organizado e significativo, de forma a estarem alinhados ao objetivo da preliminar de pesquisa em questão. A categorização buscou agrupar as respostas dos participantes relacionadas ao uso das tecnologias digitais em sala de aula e seu impacto no objetivo principal, que é *Investigar como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem ser utilizadas na sala de aula de forma a auxiliar o professor nas aulas de interpretação de textos narrativos, estimulando o aluno a práticas leitoras dinâmicas e capazes de promover a compreensão, a produção textual e o engajamento em outros gêneros textuais além do Narrativo.*

A categorização das respostas priorizou o critério semântico apoiando-se na mensagem e no que ela traz para o corpo desta preliminar de pesquisa.

As opções foram categorizadas da seguinte maneira:

Tabela 4 – Categorias da pesquisa

MOTIVAÇÃO DO ALUNO	PRATICIDADE PARA O PROFESSOR	PERSPECTIVAS FUTURAS	IMPACTOS NEGATIVOS
"O aluno demonstra interesse maior pelo conteúdo aplicado."	"É mais prático dar aula com uso de tecnologias digitais."	"O uso de tecnologias digitais em sala de aula tende a aumentar cada vez mais."	"O uso de tecnologias digitais diminui a capacidade
"O interesse do aluno no conteúdo aumenta com o uso de tecnologias digitais."	"Não acredito que o uso de tecnologias digitais em sala de aula seja algo relevante para minha metodologia."	"O uso de tecnologias digitais em sala de aula é uma técnica que levará tempo para ser incorporada com frequência."	
"O interesse do aluno pela aula não é diferente nas aulas tradicionais."			

Fonte: Elaborado pela própria autora

Com relação às ocorrências em que apareceram no questionário, verificou-se o seguinte dado:

Tabela 5 – Número de ocorrências em cada resposta

OPÇÕES DE RESPOSTA	Número de ocorrências
O aluno demonstra interesse maior pelo conteúdo aplicado.	23
É mais prático dar aula com uso de tecnologias digitais.	20
O uso de tecnologias digitais em sala de aula tende a aumentar cada vez mais.	15
O interesse do aluno no conteúdo aumenta com o uso de tecnologias digitais.	18
O uso de tecnologias digitais diminui a capacidade de concentração do aluno.	4
O uso de tecnologias digitais em sala de aula é uma técnica que levará tempo para ser incorporada com frequência.	6
Não acredito que o uso de tecnologias digitais em sala de aula seja algo relevante para minha metodologia.	1
O interesse do aluno pela aula não é diferente nas aulas tradicionais.	1

Fonte: Elaborado pela própria autora

Tais dados coletados foram analisados de acordo com as categorias

explicitadas na tabela 4. Tal categorização permitiu identificar as percepções dos professores em relação ao uso das tecnologias digitais em suas aulas e o alinhamento desse uso aos objetivos desta preliminar de pesquisa.

Analisando-se as respostas de acordo com cada eixo abordado no questionário (Tabela 4), já na categoria *Motivação do aluno* pôde-se constatar que a maioria dos professores reconhecem um potencial significativo no uso das TDIC em suas aulas. Mas faz-se necessário atentar para o número menor, mas não tão irrelevante, de professores que não creditam dinamismo e engajamento dos alunos ao uso de tecnologias nas aulas.

No que tange à *Praticidade para o professor* ressalta-se, após análise das respostas, que a tecnologia pode ser um agente facilitador não apenas para a entrega do conteúdo ao aluno, mas pode também desempenhar um papel importante no suporte ao planejamento docente. Também não há como desconsiderar a ideia de que o uso de estratégias tecnológicas em sala de aula ainda é incipiente, e a adaptação dos professores quanto a esta prática parece caminhar em passos lentos, se comparado à velocidade de artefatos tecnológicos oferecidos ao professor.

A categoria *Perspectivas futuras* procurou investigar as expectativas do professor quanto à integração das tecnologias no ambiente escolar ao longo do tempo, e revelou a inevitabilidade da integração tecnológica às aulas, sem, contudo, apontar para a necessidade de preparação do docente para usá-la de forma eficaz em suas aulas.

Finalmente quando a quarta e última categoria *Impactos negativos* é analisada, percebe-se que embora a maioria dos professores identificara que há benefício no uso das TDIC em sala de aula, ainda há uma preocupação iminente sobre a possibilidade de distração dos alunos exatamente pelo uso de tecnologias nas aulas.

Até esta etapa, verificou-se um cenário promissor à inserção de tecnologias como suporte à prática docente, mas há que se destacar a importância da necessidade de investimento contínuo em infraestrutura e formação docente.

4.3 Etapa 3 - Entrevista com professores

Nesta etapa, selecionou-se um grupo de professores, cinco ao todo, atuantes em escolas públicas e/ou privadas, e em diferentes redes públicas de ensino, sendo elas Cabo Frio, Duque de Caxias, Maricá, Niterói, Saquarema e São João de Meriti. A

ideia foi buscar diversidade de perspectivas e contextos educacionais, de forma que se obtenha uma visão mais ampla e representativa do tema pesquisado.

A alguns entrevistados, ora denominados Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3, Entrevistado 4 e Entrevistado 5, as perguntas foram feitas presencialmente, e as respostas foram sendo coletadas através de gravação. Outros preferiram que lhes fossem enviadas as perguntas via plataforma de mensagem Whatsapp e a devolutiva feita também oralmente. Alguns iniciavam respondendo de forma oral e completava a entrevista respondendo por escrito, ou vice-versa.

O objetivo principal desta entrevista, de caráter semiestruturado, é aprofundar a investigação sobre as percepções e práticas desses docentes em relação ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nas aulas de interpretação de textos narrativos. Suas perguntas foram elaboradas de acordo com o eixo da pesquisa de forma a permitir que os professores se expressem de maneira livre e espontânea explicitando suas motivações, desafios, experiências e concepções sobre o impacto da TDIC em sala de aula.

Conforme citado acima, e de acordo com MINAYO (1993), busca-se através das respostas obtidas, analisar não apenas o uso de tecnologias digitais em ambientes educativos, mas o contexto social que envolve esse uso, ou seja, entender as mensagens presentes nas respostas, buscando suas reais intenções, percepções e valores dispostos nas entrelinhas, de forma que essas questões possam construir significados sociais, pelos quais os objetivos aqui traçados atravessam.

As perguntas elaboradas são as que seguem:

1. *Pensando na tua prática pedagógica, o que pode ser um agente motivador para fazer uso de tecnologias digitais em suas aulas?*
2. *Quais são as barreiras encontradas para fazer uso de práticas tecnológicas em sala de aula?*
3. *O uso de tecnologias em sala de aula exige mais tempo ou esforço no planejamento das aulas? Caso positivo, isso é válido?*
4. *Você percebe diferenças na motivação ou no envolvimento dos alunos quando utiliza recursos digitais em comparação com métodos tradicionais?*
5. *Que tipo de apoio (infraestrutura, materiais ou formação docente) seria essencial para que as TDIC sejam mais efetivas em suas aulas?*
6. *Você acredita ser necessário haver uma formação docente continuada*

para integrar tecnologias digitais em práticas pedagógicas? Por quê?

7. Na sua opinião, de que forma as TDIC podem influenciar o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos?

8. Quais ferramentas digitais você conhece ou faz uso dentro de sala de aula?

9. Você costuma acessar algum tipo de plataforma com sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais?

4.3.1 Transcrição das entrevistas

4.3.1.1 Entrevistado 1

O Entrevistado 1 é professor de Língua Portuguesa em duas Redes Municipais: Niterói e Duque de Caxias, e em uma escola da Rede Particular de Ensino. Atua no magistério há quase quinze anos, no momento da entrevista estava terminando Doutorado na área da Educação em uma Universidade Pública Federal.

ENTREVISTADOR: Pensando na tua prática pedagógica, o que pode ser um agente motivador para fazer uso de tecnologias digitais em suas aulas?

ENTREVISTADO 1: *Eu geralmente uso recursos audiovisuais, uso filmes, músicas... acho legal usar quando quero debater questões sociais com os alunos. Acho que torna mais dinâmico e interessante para o jovem ver essas formas de representações sobre alguns temas. Também uso slides para facilitar o entendimento de temas mais complexos, por exemplo, às vezes eu preparo uma aula sobre determinado assunto e 'mastigo' o assunto antes pra eles com uso de slides, aí depois passo o filme, ou uma música.*

O que me motiva é tentar sair um pouco de 'livro e caderno', parar um pouco com o 'cospe giz' que a gente tá mais acostumado. E também acho mais fácil trabalhar algum conteúdo que esteja mais em evidência, levando para a sala de aula material atualizado e que esteja de acordo com o que estou trabalhando. Com o uso da tecnologia isso fica mais fácil.

ENTREVISTADOR: Quais são as barreiras encontradas para fazer uso de

práticas tecnológicas em sala de aula?

ENTREVISTADO 1*: A maior delas é ter acesso à internet nas escolas. Trabalho em duas redes públicas e em uma escola particular. Na escola particular eu tenho equipamentos, internet, a coisa funciona, sabe? Já nas públicas são mais complicadas. Não tem internet, poucas televisões, não tem projetor, quadro inteligente nem pensar... Eu usaria com mais frequência a tecnologia se esses recursos estivessem disponíveis. Acredito que a principal barreira é falta de material.*

ENTREVISTADOR: O uso de tecnologias em sala de aula exige mais tempo ou esforço no planejamento das aulas? Caso positivo, isso é válido?

ENTREVISTADO 1*: Sim, exige, mas acredito que isso torna as aulas mais interessantes. Se eu pudesse, faria muito mais uso desses recursos em aula. E é aquilo, o trabalho maior é na primeira vez. Depois você só adapta. E já pega o jeito. É como tudo que a gente faz de primeira na vida: no início parece mais complicado e por isso demora mais para planejar. Depois que você pega o jeito, aí encurta o tempo. De mais a mais, você pode até perder mais tempo para planejar, mas acho que a aula rende mais quando eu passo um slide, por exemplo, porque você não perde o tempo copiando. Então acho que no final das contas, é muito válido sim.*

ENTREVISTADOR: Você percebe diferenças na motivação ou no envolvimento dos alunos quando utiliza recursos digitais em comparação com métodos tradicionais?

ENTREVISTADO 1*: Depende. O uso de slides, por exemplo, é apenas um suporte, como o quadro em sala. Facilita a explicação e entendimento, mas não gera um interesse maior. Já quando uso sites interativos, quando proponho jogo, ou escrita conjunta, eles ficam motivados. Tudo que envolve a participação ativa deles, que não seja copiar do quadro, eles ficam mais motivados. Eu acho.*

ENTREVISTADOR: Que tipo de apoio (infraestrutura, materiais ou formação docente) seria essencial para que as TDIC sejam mais efetivas em suas aulas?

ENTREVISTADO 1*: Eu desenvolvi com os alunos alguns trabalhos de podcast e*

gravação de músicas. Infelizmente não tenho a prática em usar essas tecnologias. Se não fosse pelos alunos que sabem mexer nessas ferramentas muito melhor que eu, os trabalhos não teriam acontecido. Gostaria de que as prefeituras oferecessem formações sobre como mexer nessas novas tecnologias. Além disso, como já mencionado em outra pergunta, precisariam ter mais televisões, sala de informática equipada, internet, projetor, quadro interativo para desenvolver melhores trabalhos. Até mesmo tablets para cada estudante. Assim, não precisaria imprimir as atividades, bastaria enviar para eles os arquivos.

ENTREVISTADOR: Você acredita ser necessário haver uma formação docente continuada para integrar tecnologias digitais em práticas pedagógicas? Por quê?

ENTREVISTADO 1*: Sim, pois eu não sei mexer em algumas ferramentas que já fazem parte do dia a dia dos jovens. Como eu já tinha falado antes, os alunos estão mais conectados que a gente. A gente precisa se atualizar. A gente fala muito sobre as leis da educação, faz planejamento, é uma burocracia danada, e nada se fala sobre usar mais tecnologia e principalmente COMO usar. Acho que eles não fazem isso para evitar a cobrança que certamente virá por não disponibilizarem material de apoio para a gente.*

ENTREVISTADOR: Na sua opinião, de que forma as TDIC podem influenciar o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos?

ENTREVISTADO 1*: Infelizmente, sem mediação, e sem domínio do professor, podem influenciar de forma negativa. Hoje os alunos leem menos e interpretam mal porque não estão mais acostumados à leitura frequente de textos longos. Com as redes sociais, os jovens se acostumaram a ler textos de poucos caracteres e não têm concentração para ler um texto de UMA lauda, por exemplo. Com o TikTok, nem leitura eles acessam. Por isso a gente precisa aprender mais pra poder ensinar a eles mais sobre o uso. Sozinhos a maioria não vai buscar. Não conheço nenhum aluno que tenha me dito que lê livros pelo celular ou pelo computador. Tem que haver um meio para incentivá-los a buscar não apenas a leitura de livros, mas qualquer tipo de textos que não sejam os das redes sociais.*

ENTREVISTADOR: Quais ferramentas digitais você conhece ou faz uso dentro

de sala de aula?

ENTREVISTADO 1*: Word, PowerPoint, Vídeos, Músicas, Podcast, Computador. Até conheço mais algumas que não lembro agora... Ah, Kahoot, uma outra que eles formam nuvem de palavras, uso o que consigo e o que sei usar. Eu sei que deve ter muito mais, mas uso mais essas mesmo.*

ENTREVISTADOR: Você costuma acessar algum tipo de plataforma com sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais?

ENTREVISTADO 1*: Eu busco muita coisa na internet. Mas não me prendo a uma especificamente. Até porque, tem coisas que atende ao que a gente quer, outras não se encaixam. E também tem muita coisa repetida. Tem material que você busca na internet e o mesmo material está em vários sites diferentes. Mas sempre procuro buscar alguma coisa. E às vezes a gente procura uma coisa e acaba achando outra. Mas nenhuma em especial.*

As respostas do ENTREVISTADO 1 convergem em direção a algumas questões elencadas nos objetivos dessa preliminar de pesquisa, tais como as motivações para o uso de tecnologias digitais em sua aula, quais as barreiras encontradas, e o impacto dessas tecnologias no desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação de textos.

O entrevistado em questão afirma que sua motivação para ministrar aulas com apoio da tecnologia digital consiste no fato de que seu uso torna as aulas mais dinâmicas, interessantes e mais facilmente contextualizadas com a proposta, já que fica mais fácil alinhar o conteúdo com a realidade dos alunos. Além disso, é possível facilitar a compreensão deste frente à grande diversidade de *softwares* e *hardwares* oferecidos hoje em dia e que facilmente tendem a ilustrar melhor o que o professor tende a oferecer em sala de aula. Quanto à motivação dos alunos, ela varia entre o uso de ferramentas interativas e tecnologias mais passivas. Quanto maior o envolvimento do aluno com o dispositivo tecnológico utilizado, maior a motivação do mesmo.

Por outro lado, a falta de infraestrutura, principalmente tecnológica, dificulta a implementação de práticas pedagógicas mediadas pelas TDIC. E ao estabelecer um comparativo entre a oferta de equipamentos eletrônicos ou digitais tanto na rede

pública quanto na privada, onde atua concomitantemente, as escolas as quais têm acesso na rede pública deixam a desejar. Essa disparidade aponta para a desigualdade de acesso às tecnologias e o impacto que essa escassez, ou inexistência, de recursos metodológicos digitais podem causar em seu planejamento escolar.

Em relação ao investimento que se faz, em tempo, para planejamento de aulas que requerem o uso de tecnologias, o entrevistado assume que há um investimento maior de tempo realmente, mas que este é válido tendo em vista o ganho de produtividade que ele consegue obter. Ele considera ainda que há uma tendência a que haja uma diminuição desse tempo tendo em vista que este tipo de planejamento pode ser readaptado e reaproveitado em diferentes contextos.

Outro ponto elencado é a carência de formação docente continuada. Ao afirmar que possui limitações para uso de alguns tipos de ferramentas, e que considera a ajuda dos próprios alunos válida e eficaz, admite que é necessário preparar o professor para lidar com recursos tecnológicos muitas vezes já integrados ao cotidiano dos alunos. A falta de formação é vista como um reflexo da ausência de políticas educacionais que incentivem e sustentem o uso das TDIC.

Por fim, ele destaca que as tecnologias digitais podem exercer uma ação tanto positiva quanto negativa no desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos, e o que fará a diferença é a mediação adequada que o professor pode fazer. Assim, ele reitera a importância de uma formação docente que acompanhe as demandas não apenas da sociedade, mas do alunado que nela está inserido.

4.3.1.2 Entrevistado 2

O Entrevistado 2 é professor de Língua Portuguesa também em duas Redes Municipais: São João de Meriti e Saquarema. Atua no magistério há quase dez anos e no momento da entrevista participava do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) oferecido pela UERJ.

ENTREVISTADOR: Pensando na tua prática pedagógica, o que pode ser um agente motivador para fazer uso de tecnologias digitais em suas aulas?

ENTREVISTADO 2*: Então, eu acho que o uso de tecnologias digitais enriquece o processo de ensino e também o processo de aprendizagem. Eu acho que tudo que acrescenta, de maneira positiva, é um ponto motivacional. A tecnologia 'ta' aí. Não tem como negar isso. E os alunos gostam até da palavra 'tecnologia'. (rsrsrsrs), eles se sentem importantes, e querem aprender, lidar, viver isso. Então eu acho que é isso, a motivação dos alunos é a minha motivação.*

ENTREVISTADOR: Quais são as barreiras encontradas para fazer uso de práticas tecnológicas em sala de aula?

ENTREVISTADO 2*: Ih... são muitas (rsrsrsr)... A falta de estrutura é o maior ponto. Faltam estruturas das mais simples, como uma tomada, até as mais complexas, como não ter um disjuntor e não poder ligar várias coisas ao mesmo tempo. E também fora da sala de aula, porque muitas vezes a escola não tem uma televisão, né, ou tem apenas um aparelho de TV para atender a várias turmas... coisas simples mas que complicam a gente, né? Teve uma vez que eu planejei uma aula, agendei a TV, porque tem que agendar, se não, não consegue usar, e outro professor que tinha uma aula antes "tava" usando. E fazer o quê, né? Isso acontece muito. Já comecei a passar um filme, usando meu computador que levei de casa, e a internet não "tava" funcionando. Essas coisas vão frustrando a gente, né? A gente quer fazer uma parada diferente, mas não tem estrutura para isso. E pior, a gente sempre ouve falar em 'escolas conectadas', ou 'escola do futuro', mas a realidade no chão da escola é outra bem diferente do que é pregado nos gabinetes. Não tem vontade política. Vem lá de cima...*

ENTREVISTADOR: O uso de tecnologias em sala de aula exige mais tempo ou esforço no planejamento das aulas? Caso positivo, isso é válido?

ENTREVISTADO 2*: Ahh... nem sempre. Mas na maioria das vezes, o uso de tecnologias facilita o planejamento. Pra falar a verdade, hoje em dia tem facilidade até pra planejar. E agora com a IA, então... E mesmo antes de usar IA... planejar uma aula com auxílio de um computador ficou bem mais fácil. Isso pensando na questão do planejamento do professor, né? E quando você pensa na aula que pode oferecer ao aluno usando a tecnologia em sala de aula, aí o esforço compensa. Pode até "da" um trabalhinho no início, mas depois a coisa anda. Então o tempo que você gastou*

planejando, você ganha em sala, ganha tempo de aula, sabe?

ENTREVISTADOR: Você percebe diferenças na motivação ou no envolvimento dos alunos quando utiliza recursos digitais em comparação com métodos tradicionais?

ENTREVISTADO 2*: Sim. Eles ficam mais interessados na aula, né, eles encaram como novidade. Muitos não têm nem acesso a nenhum tipo de aparelho tecnológico diferente de um celular, uma TV ou computador. Aliás, muitos não têm nem computador. Então quando você usa um projetor, né, e usa algum tipo de site pra eles acompanharem a aula, eles se sentem muito motivados. Eu lembro de uma aula de um professor de Geografia, em que ele projetou o Planeta Terra naquele programa do Google, ehhhh... acho que o nome é Google Earth, Google Terra, alguma coisa assim, e foi mostrando desde o sistema solar até o bairro em que estava a escola. Muito legal. Eles ficaram doidos, nunca tinham visto, né, ficaram empolgados com a aula. E isso foi assunto na turma por dias. E aí vem a parte que toca exatamente no assunto... essa aula foi antes da minha. E aí entrei em sala, normal, com minha pastinha, e eles ali, eufóricos, contando as novidades uns pros outros e pra mim. E no meio disso tudo eu não consegui dar aula. Primeiro porque o que eles tinham visto ali era novidade, né?. Segundo que eu entrei para dar aquela aula tradicional, livro, exercícios, escrever no caderno. Como compete com isso? Com essa aula inovadora? Foi complicado competir, ou melhor, eu não competi... simplesmente não dei aula (rsrsrsrsrsrs).*

ENTREVISTADOR: Que tipo de apoio (infraestrutura, materiais ou formação docente) seria essencial para que as TDIC sejam mais efetivas em suas aulas?

ENTREVISTADO 2*: Primeiro de tudo infraestrutura, tá?. A gente não consegue fazer nada se não tiver instrumentos para usar. E também internet, né?. Às vezes você leva teu material, mas não tem internet, então não adianta nada. A coisa não casa. Outra coisa é Formação docente. Esse também é um ponto muito importante. O mundo 'tá' evoluindo e a gente, principalmente enquanto professores, precisamos acompanhar essa evolução, porque a gente lida com adolescentes que 'tão' voando. E mesmo sem conhecer o básico de tecnologia, eles pegam muito fácil. Então a gente precisa "tá" um pouco a frente deles, pelo menos com o que "tamos" dispostos a usar em sala de*

aula. Então ter uma formação pra aprender a usar um projetor, por exemplo, porque é complicado, é cabo daqui, cabo dali, tem professor mais antigo que não tem essas habilidades, olha, tem professor que não sabe nem ligar um computador, que não conhece algumas palavras, tipo "download", por exemplo. Ele até sabe o que significa, mas não sabe exatamente o que fazer; ou conhecer sites que possam ser usados nas aulas, ou até mesmo aprender como usar a IA, é uma maneira de acompanhar essa evolução das tecnologias.

ENTREVISTADOR: Você acredita ser necessário haver uma formação docente continuada para integrar tecnologias digitais em práticas pedagógicas? Por quê?

ENTREVISTADO 2*: Sim. Como eu falei, é importante o docente "tá" sempre atualizado. Além disso, professores mais antigos na área têm mais resistência com as tecnologias muitas vezes por não saberem utilizar elas. E os alunos muitas vezes sabem mais que a gente. Acho, ACHO, que existe um medinho, sabe, de passar vergonha na frente do aluno. Eu, por exemplo, não tenho a menor ideia de como se usa o TikTok. Nem tenho isso. Eu sei que é tipo um Instagram, e eles ficam aprendendo aquelas dancinhas, e tal... Mas vi uma professora passando um trabalho pra eles onde eles tinham que usar isso. E eu pensei: sei nem mexer com isso, como vou passar um trabalho? Mas acho que aí entra um cursinho, uma capacitação continuada, sei lá... pra gente não apenas saber que existe, mas se familiarizar com essas coisas. É tirar a gente do espaço da nossa época. E olha que nem sou tão velho. Rsrsrsrsrs.*

ENTREVISTADOR: Na sua opinião, de que forma as TDIC podem influenciar o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos?

ENTREVISTADO 2*: Na minha opinião, os alunos já "tão" inseridos no meio das últimas tecnologias e passam a maior parte do tempo com celulares, tablets e computadores. O que não quer dizer que eles dominam tudo. Mas eles já "tão" acostumados a essas tecnologias, e isso ajuda no processo de interpretação e leitura de textos, porque qualquer texto é um texto. Eles não leem nada... Só que a gente precisa, né, ensinar eles a usar, porque eles ficam muito presos a conteúdos curtos,*

brincadeiras, coisas que são mais do interesse cultural da vivência de cada um. O que a gente precisa, é achar um meio, uma maneira, de inserir o conteúdo naquilo que ele gosta. Tipo criar uma estratégia, né? Gosta de TikTok, vamos usar na aula. Gosta de Instagram, vamos usar na aula. E assim por diante. Mas pra isso a gente tem que aprender antes. E também ter ideias de como usar isso a nosso favor.

ENTREVISTADOR: Quais ferramentas digitais você conhece ou faz uso dentro de sala de aula?

ENTREVISTADO 2*: Conheço as que mais se usa, como questionários online, retroprojetores, IA, aplicativos, etc. Mas IA, por exemplo, eu só sei usar o ChatGPT, mas eu sei que tem um monte. É aquilo que eu falei, a gente tem que acompanhar as coisas que vão chegando, pelo menos saber que têm, né? E aí, tudo varia bastante dependendo da estrutura que encontro na escola. Às vezes eu peço para fazer uma pesquisa em casa, às vezes eu uso o próprio celular do aluno para eles fazerem uma tarefa de pesquisa, ou leitura... uso o que dá, o que tem. E muitas vezes não uso nada.*

ENTREVISTADOR: Você costuma acessar algum tipo de plataforma com sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais?

ENTREVISTADO 2*: Uso as ferramentas do Google, uso muito. Mas não procuro sugestão de aula. É que as vezes a gente vai pesquisar uma coisa, e vai pra outra, e vai pra outra e vai montando a ideia. Pega um pouquinho dali, um pouquinho daqui e monta a própria ideia de aula. Mas é tanta coisa que tem na internet que eu nem vejo o nome mais. Mas assim, tem sites que marcam, tipo ACESSABER, por exemplo. Sempre que preciso de um material, vou direto neles. E quando você vê, tá em outro e outro, e assim vai. Mas eu consulto muito o ACESSABER.*

Assim como o entrevistado 1, o entrevistado 2 apresenta uma visão bastante positiva sobre o uso de tecnologias digitais em sala de aula, destacando a motivação dos alunos e a facilidade de planejamento como principais benefícios. Através dessa conversa, foi possível observar como a prática pedagógica pode ser enriquecida com o uso das TDIC, apesar das barreiras que se interpõem neste contexto escolar.

Para o entrevistado 2, a tecnologia desperta o interesse e a curiosidade nos alunos, o que reflete no professor, motivando-o ao uso dessa prática. Ao relatar uma situação através de uma experiência presenciada, ele oferece um contraponto entre tipos de metodologias e a motivação dos alunos. O exemplo relata uma aula de um professor que o antecedia na grade. Este professor usava o programa *Google Earth* para dar aos alunos a dimensão do universo, da macro à microvisão, ou seja, do Cosmo ao bairro onde se situava a escola. A aula do entrevistado 2 foi subsequente a esta, e sua proposta era uma aula convencional, com o uso do livro didático e atividades no caderno. Ele nos conta que foi praticamente impossível seguir com seu planejamento, já que a turma estava totalmente inserida no universo tecnológico que a aula anterior lhes proporcionou. Esse relato evidencia as dificuldades em competir com os atrativos proporcionados pelos recursos tecnológicos e o potencial que as TDIC têm para aumentar o interesse dos alunos às aulas.

No entanto, ele ressalta a falta de infraestrutura como uma barreira significativa. O relato de situações que inviabilizam ou até mesmo impedem a ministração da aula torna essa intenção de uso algo frustrante, e chega a ser um ponto de desmotivação do professor, limitando a aplicabilidade de tecnologias digitais de forma consistente.

Quanto à elaboração de planejamentos de aulas, o entrevistado apresenta uma perspectiva positiva, considerando que as tecnologias podem facilitar e otimizar o processo de planejamento, principalmente com o uso de ferramentas de Inteligência Artificial. E que aulas com uso de tecnologias digitais tendem a ser mais qualitativas, compensando o tempo investido no planejamento. Percebe-se uma visão pragmática sobre a integração das tecnologias no planejamento pedagógico.

No que tange à formação docente, o entrevistado 2 reforça a importância de uma “capacitação continuada” de forma a proporcionar ao docente acompanhar a evolução tecnológica em sala de aula. Essa “capacitação” é vista por ele como um caminho para superar as barreiras possivelmente impostas pelo medo do constrangimento por não saber usar os artefatos tecnológicos, considerando que os alunos possuem uma interação maior com a tecnologia que o professor.

Finalizando, o entrevistado 2 reitera que as TDIC podem influenciar positivamente as habilidades de leitura e interpretação de textos se mediadas por um professor que saiba alinhar tais habilidades com o interesse dos alunos. No entanto, o descompasso entre as políticas educacionais e a realidade das escolas mostra que há um caminho ainda a ser percorrido para que tecnologias digitais sejam mais

eficazes na educação.

4.3.1.3 Entrevistado 3

O Entrevistado 3 é professor de Língua Portuguesa em uma Rede Pública de Ensino, São João de Meriti, e professor de duas escolas na Rede Particular de Ensino. Graduado há três anos, objetiva futuramente fazer um curso de Mestrado e depois Doutorado.

ENTREVISTADOR: Pensando na tua prática pedagógica, o que pode ser um agente motivador para fazer uso de tecnologias digitais em suas aulas?

ENTREVISTADO 3*: Buscar atenção e interesse dos alunos. É como se eu trouxesse o mundo deles para a sala de aula. Eles gostam, né, dessa coisa de conectividade, liga desliga, tudo que foge do que eles "tão" fazendo há anos dentro da escola.*

ENTREVISTADOR: Quais são as barreiras encontradas para fazer uso de práticas tecnológicas em sala de aula?

ENTREVISTADO 3*: Falta de recursos nas escolas ou pouca quantidade de recursos, o uso ter que ser dividido com outros professores, ou seja, tem que reservar com antecedência... às vezes dá trabalho, perde tempo montando, e falta extensão para ligar um projetor, e falta cabo, e falta isso, aquilo, essas coisas... Falta material, e quando tem, não é funcional, não é prático. A gente perde muito tempo com coisas que já poderiam "tá" disponíveis de forma prática. Hoje um projetor, por exemplo, é equipamento quase que obrigatório nas escolas, mas ainda assim, ou não existe, ou não funciona, ou é um único aparelho para a escola toda. Isso tudo desanima...*

ENTREVISTADOR: O uso de tecnologias em sala de aula exige mais tempo ou esforço no planejamento das aulas? Caso positivo, isso é válido?

ENTREVISTADO 3*: Sim, porque a gente precisa preparar a tecnologia (caixa de som, TV) que vai ser usada, e as mídias (música, vídeo, filme) que serão passadas. Tem*

trabalho para baixar a mídia antes, para passar sem internet, ou contar com a internet da escola, que nem sempre funciona bem todos os dias. Mas no final eu acho esse esforço válido, porque os alunos prestam mais atenção e se envolvem mais com o assunto da aula. Além disso, toda mudança de comportamento demanda um esforço maior até que ela se encaixe a uma nova rotina. Mas eu acho válido sim. E tipo, você tem trabalho no início, depois fica mais fácil.

ENTREVISTADOR: Você percebe diferenças na motivação ou no envolvimento dos alunos quando utiliza recursos digitais em comparação com métodos tradicionais?

ENTREVISTADO 3*: Sim, mais motivação e interesse. Eles parecem se conectar mais com o assunto.*

ENTREVISTADOR: Que tipo de apoio (infraestrutura, materiais ou formação docente) seria essencial para que as TDIC sejam mais efetivas em suas aulas?

ENTREVISTADO 3*: Esses recursos precisam "tá" disponíveis e funcionando. Precisam ser acessíveis de forma prática. Formação docente eu acho fundamental, porque nem todo mundo tem familiaridade com a tecnologia eletrônica, de um modo geral. Então eu acho primordial. É muita coisa, é muito detalhe, é muita oferta. E as coisas mudam a todo instante, e numa velocidade. Tá arriscado você aprender uma coisa hoje e no ano que vem ela já ficou ultrapassada, por que já tem coisa melhor, sabe? E aí quando se tem um mínimo de conhecimento, fica mais fácil acompanhar essa mudança. Tem que ter formação pro professor sim, é fundamental.*

ENTREVISTADOR: Você acredita ser necessário haver uma formação docente continuada para integrar tecnologias digitais em práticas pedagógicas? Por quê?

ENTREVISTADO 3*: Então, é o que acabei de falar, é muito necessário. Tudo muda a todo instante. Tem que haver atualização. O professor tem que "tá" por dentro das novidades. A Inteligência Artificial está cada vez mais presente. A todo momento tem algo novo. E quanto mais o professor é atualizado sobre o que "tá" disponível pra ser*

usado em sala de aula, mais seguro ele se sente para se adaptar ao uso daquilo que, para ele, até dependendo da idade, é muito difícil, até porque ele não tem quase contato. É a história do ovo e da galinha: o professor não sabe usar, e por isso não usa; e se ele não usa, ele não aprende a usar. As formações, assim como a disponibilidade de utensílios, são importantíssimas para a implantação de uma cultura que "tá" cada vez mais presente na vida do aluno, e que precisa fazer parte da vida do professor.

ENTREVISTADOR: Na sua opinião, de que forma as TDIC podem influenciar o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos?

ENTREVISTADO 3*: Ahh... é complicado explicar... eu acho que uma atividade bem mediada pelo professor pode despertar o gosto pela leitura, por exemplo. Mas o professor tem que saber aplicar a atividade pra despertar o interesse do aluno. Tem que ser legal para o aluno e bom para o professor. E tem que ter tido aprendizagem, se não, não adiante nada, né? Se forem bem elaboradas, ensinando o aluno a usar a tecnologia com responsabilidade e foco, acho que o professor pode implantar o hábito da leitura, da busca, da pesquisa. Tudo isso é leitura. O aluno precisa descobrir que a leitura é interessante, então o professor pode oferecer uma outra visão desse processo ao aluno já dentro de sala. E porque tá difícil hoje? Por que a gente luta tanto pra isso? Porque o aluno tá noutra. Ele não pertence mais a uma geração de caderno, quadro e livro. Tem que ter um algo a mais, um "plus" que seja interessante.*

ENTREVISTADOR: Quais ferramentas digitais você conhece ou faz uso dentro de sala de aula?

ENTREVISTADO 3*: Assim, tem ferramentas que são físicas, materiais, e tem ferramentas que são imateriais. Assim, as ferramentas físicas, aquelas que o uso é mais frequentemente usado por mim, são as caixas de som, os projetores, celular, computador... Já as ferramentas imateriais são os sites, onde você acessa conteúdos que podem ser trabalhados, como Quizzes, Kahoot, Wordwall, You Tube, por exemplo. É meio que algo "virtual". Você não vê. Igual quando a gente ensina substantivo concreto e abstrato, né? A televisão é concreto, físico, mas o filme é imaterial, precisa da televisão... ahahahaha... muito boa a relação, né? Mas é isso, eu*

uso o que eu sei usar e que está disponível, o que eu seu que tem.

ENTREVISTADOR: Você costuma acessar algum tipo de plataforma com sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais?

ENTREVISTADO 3*: Sim. Há vários sites, Blogs, Canais do You Tube com conteúdos muito bons e que dá pra aplicar em sala de aula.*

A entrevista com o terceiro entrevistado também alcançou o contraponto de que os alunos se sentem motivados com o uso de tecnologias digitais em suas aulas, mas as barreiras estruturais enfrentadas no cotidiano das escolas impedem ou dificultam a implementação dessa dinâmica.

A começar pela percepção da motivação que os alunos apresentam com o uso das TDIC. Segundo ele, esta seria a principal razão: a captação da atenção e interesse dos alunos trazendo para sala de aula um universo que os cerca e estão cada vez mais disponíveis.

No entanto, ele também acrescenta que essa nova possível estruturação de aula não ocorre sem desafios. A falta de recursos adequados, a ausência de equipamentos e, quando os há, a necessidade de compartilhamento destes provoca um entrave burocrático que impedem o uso contínuo e eficiente de ferramentas tecnológicas. Outro desafio citado é o tempo para planejar uma aula com uso de tecnologias em comparação às práticas tradicionais que já estão estruturadas no seu fazer pedagógico. No entanto, o entrevistado considera que este tempo é válido, e que é um processo que levará a uma incorporação de hábitos. Ressalta ainda que o que vale é o impacto positivo que este tipo de metodologia provoca no aluno, tornando o aprendizado mais significativo e atraente para os alunos.

Além das demandas materiais, o entrevistado 3 ressalta que a formação docente contínua é importante para que haja uma aproximação do docente com os recursos tecnológicos e suas constantes evoluções. Segundo sua visão, a formação permitiria que os professores se sentissem mais seguros e preparados para utilizar tecnologias digitais, reduzindo a resistência quanto ao uso destas. Ele acrescenta que a presença cada vez mais frequente da Inteligência Artificial acaba exigindo que o professor esteja mais atento e pronto para incorporar esses avanços em sala de aula.

Quando questionado sobre o impacto das TDIC no desenvolvimento da leitura e

interpretação de textos, o entrevistado acredita que atividades mediadas pelo professor podem estimular o interesse dos alunos pela leitura. Para ele, o uso responsável da tecnologia pode incentivar a busca por informações, pesquisas e a construção de um hábito leitor. Essa visão reforça a ideia de que as TDIC, quando bem aplicadas, podem ser aliadas no estímulo à leitura e na construção de competências interpretativas.

Pela primeira vez, dentro do contexto desta pesquisa, ouve-se a expressão "recursos materiais e imateriais", o que facilmente nos leva ao entendimento dos recursos físicos, como TVs e Caixas de Som, por exemplo, e recursos digitais, que seriam os sites, jogos online, por exemplo. Ao relatar que acessa com frequência plataformas e canais que sugerem aulas e atividades mais dinâmicas, o entrevistado 3 demonstra sua busca por aprimoramento e inovação em sua prática docente.

Dessa forma, a análise desse terceiro entrevistado confirma a importância das TDIC como ferramenta pedagógica e reforça os desafios estruturais e formativos que ainda precisam ser superados para que seu uso seja cada vez mais eficiente e integrado à rotina escolar.

4.3.1.4 Entrevistado 4

O Entrevistado 4 atua em duas Redes Municipais: Niterói e Maricá. Atua no magistério há quase vinte anos, e sua última formação acadêmica foi um Mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) oferecido pela UERJ.

ENTREVISTADOR: Pensando na tua prática pedagógica, o que pode ser um agente motivador para fazer uso de tecnologias digitais em suas aulas?

ENTREVISTADO 4*:* P*ercebo que os alunos se mostram bastante interessados em aulas com suporte tecnológico. Eles se sentem mais engajados e curiosos quando utilizam ferramentas digitais. Isso é ótimo, pois aumenta a participação e o interesse deles pelo conteúdo. Mas essa é uma motivação deles.*

ENTREVISTADOR: Quais são as barreiras encontradas para fazer uso de práticas tecnológicas em sala de aula?

ENTREVISTADO 4*: A principal barreira é a distração. O uso de celulares em sala de aula, por exemplo, desvia a atenção dos alunos do conteúdo da aula. Eles acabam se concentrando mais nas redes sociais e em outros aplicativos do que naquilo que está sendo ensinado. Hoje os jogos são os grandes vilões. Além disso, nem sempre as escolas possuem acesso à internet de qualidade ou equipamentos modernos para utilizar em sala de aula.*

ENTREVISTADOR: O uso de tecnologias em sala de aula exige mais tempo ou esforço no planejamento das aulas? Caso positivo, isso é válido?

ENTREVISTADO 4*: Sim, exige mais tempo e esforço. É preciso pesquisar ferramentas digitais adequadas, preparar atividades que explorem o potencial da tecnologia e garantir que tudo funcione corretamente durante a aula. Mas, se o objetivo for promover um aprendizado mais eficaz, o esforço vale a pena. No meu caso ainda preciso fazer uso mais efetivo para comprovar se realmente vale a pena.*

ENTREVISTADOR: Você percebe diferenças na motivação ou no envolvimento dos alunos quando utiliza recursos digitais em comparação com métodos tradicionais?

ENTREVISTADO 4*: Sim, percebo. Os alunos ficam mais motivados e participativos quando utilizam recursos digitais. As aulas se tornam mais dinâmicas e interessantes, o que facilita a compreensão dos conteúdos. Mas o professor precisa estar atento o tempo todo para garantir que eles não se distraiam com assuntos que não estão relacionados com a aula.*

ENTREVISTADOR: Que tipo de apoio (infraestrutura, materiais ou formação docente) seria essencial para que as TDIC sejam mais efetivas em suas aulas?

ENTREVISTADO 4*: É fundamental que as escolas invistam em infraestrutura, como*

internet de qualidade, computadores e outros equipamentos. Além disso, é importante que os professores recebam formação docente para aprender a utilizar as TDIC de forma eficaz em sala de aula.

ENTREVISTADOR: Você acredita ser necessário haver uma formação docente continuada para integrar tecnologias digitais em práticas pedagógicas? Por quê?

ENTREVISTADO 4*: Sim, com certeza. A tecnologia está em constante evolução, e os professores precisam se manter atualizados sobre as novas ferramentas e metodologias. A formação continuada é essencial para que os professores possam utilizar as TDIC de forma crítica e consciente, explorando todo o seu potencial pedagógico.*

ENTREVISTADOR: Na sua opinião, de que forma as TDIC podem influenciar o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos?

ENTREVISTADO 4*: As TDIC podem ser ótimas ferramentas para desenvolver habilidades de leitura e interpretação de textos. Existem diversos aplicativos e plataformas que oferecem atividades interativas, jogos e exercícios que estimulam a leitura e a compreensão de diferentes tipos de textos.*

ENTREVISTADOR: Quais ferramentas digitais você conhece ou faz uso dentro de sala de aula?

ENTREVISTADO 4*: Conheço diversas ferramentas digitais, como plataformas de vídeos, aplicativos de jogos educativos, editores de texto colaborativos e ferramentas de apresentação. Mas, como já mencionei, prefiro não utilizar o celular em sala de aula, pois acredito que ele desvia a atenção dos alunos.*

ENTREVISTADOR: Você costuma acessar algum tipo de plataforma com sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais?

ENTREVISTADO 4*: Sim, existem diversas plataformas que oferecem sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais. Mas é importante lembrar que a tecnologia é apenas uma ferramenta. O mais importante é o professor saber como utilizar essa ferramenta de forma pedagógica, para promover um aprendizado significativo para os alunos.*

Apesar de acreditar que o uso de tecnologias digitais em sala de aula causa um impacto positivo nos alunos, os quais demonstram maior interesse, engajamento e curiosidade dos alunos, o Entrevistado 4 destaca que esses comportamentos partem dos próprios alunos, e não necessariamente dos professores. Ele ainda cita algumas barreiras para implementação deste tipo de aula, e a principal delas, segundo ele, é a distração que o uso de celulares provoca nos estudantes, que facilmente desviam sua atenção para as redes sociais e jogos. Ele cita ainda dificuldades relacionadas à falta de infraestrutura nas escolas, como ausência de equipamentos e falta de internet. Essas questões limitam a implementação das tecnologias digitais no ensino.

Outro aspecto observado pelo Entrevistado 4 é o aumento da demanda de tempo e esforço no planejamento das aulas que fazem uso de tecnologias. O entrevistado afirma que pesquisar ferramentas digitais, elaborar atividades com elas e garantir seu funcionamento adequado durante a aula tomam tempo do professor. No entanto, ele acredita que esse esforço pode ser válido se contribuir para uma aprendizagem mais eficaz. No seu caso, especificamente, ainda está em fase de teste.

Apesar de os alunos mostrarem-se mais participativos quando as aulas são mediadas pela tecnologia, o Entrevistado 4 alerta que deve haver uma necessidade de monitoramento constante por parte do professor a fim de evitar distrações com assuntos não relacionados ao conteúdo da aula.

A sugestão que ele dá para que o uso das TDIC seja mais eficaz no ambiente escolar é investir na infraestrutura das escolas, incluindo internet de qualidade e equipamentos adequados, pois estando tudo ao alcance do professor, a constância do uso facilita a incorporação da tecnologia à prática escolar. A partir deste tópico, o entrevistado 4 enfatiza a importância da formação docente. Ele acredita que os professores precisam estar preparados para utilizar a tecnologia de maneira eficiente

em suas práticas pedagógicas. Na sua visão, a formação continuada é essencial para que tudo isso funcione. Ele argumenta que a tecnologia está em constante evolução e que os professores precisam se manter atualizados sobre novas ferramentas e metodologias. Assim, esse tipo de formação garantiria o uso consciente e pedagógico desses recursos.

Quanto ao desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação de textos a partir do uso de tecnologias digitais, o entrevistado considera que elas podem ser grandes aliadas. Ele menciona a existência de aplicativos e plataformas interativas que oferecem atividades dinâmicas e jogos educativos, estimulando os alunos a aprimorar suas competências leitoras e interpretativas.

Perguntado se conhece ou faz uso de ferramentas digitais, ele demonstra conhecimento ao citar plataformas de vídeo, aplicativos educativos, editores de texto colaborativos e ferramentas de apresentação. No entanto, reforça que evita o uso do celular durante as aulas por acreditar isso pode comprometer a concentração dos alunos.

Por fim, ele afirma que acessa plataformas que oferecem sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais. No entanto, faz uma ressalva de que a tecnologia, por si só, não garante um ensino eficaz. Para ele, o mais importante é que o professor saiba como utilizá-la pedagogicamente para que sua aplicação promova um aprendizado significativo.

4.3.1.5 Entrevistado 5

O Entrevistado 5 atua em duas Redes Municipais: São João de Meriti e Cabo Frio. Atua no magistério há quase vinte anos, e sua última formação acadêmica foi um Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação, há quinze anos.

ENTREVISTADOR: Pensando na tua prática pedagógica, o que pode ser um agente motivador para fazer uso de tecnologias digitais em suas aulas?

ENTREVISTADO 5: *Bem, respondendo à primeira pergunta: o que poderia ser um agente motivador pra eu fazer uso de tecnologias digitais nas minhas aulas. Eh, eu não sou a favor de uso de tecnologia digital em sala de aula. Eh, eu realmente não, não vejo isso como uma coisa positiva nem pros alunos, e de uma forma geral,*

também, eh, muito pouco pros professores. Eh, mas assim, pensando em algo que pudesse me tirar, né, me, me fazer arriscar mais ou colocar, eh, como fazer uso dessa, dessa tecnologia na minha aula, nas minhas aulas... bom, primeiro, eh, se houvesse alguma coisa que me convencesse, eh, de que isso é mais válido do que o que eu já faço. Eh, segundo que isso, que essa tecnologia, eh, digital não me desse mais trabalho do que eu já tenho pra preparar as aulas, então o que me motivaria é se houvesse alguma coisa já, eh, pronta, né, ou que me desse não mais trabalho do que eu já tenho hoje pra preparar aulas, que fosse tão interessante que realmente, eh, fizesse diferença em relação ao aprendizado do aluno. Então teria que ter essas duas, eh, vias, né, tanto aprendizado do aluno é importante, quanto não me dar mais trabalho do que eu já tenho, visto que, eh, o professor já não ganha o suficiente pro trabalho que ele tem em casa, sempre o mais trabalho do que a gente recebe pra fazer, eh, planejamento, pra fazer as correções e tudo mais, então algo que me desse mais trabalho com certeza me desmotivaria. E, e também não adiantaria não me dar trabalho se eu não pudesse alcançar o meu, o meu objetivo primordial que é o aprendizado desse aluno.

ENTREVISTADOR: Quais são as barreiras encontradas para fazer uso de práticas tecnológicas em sala de aula?

ENTREVISTADO 5: *Barreiras Tecnologia em sala de aula:*

- *tende a distrair mais o aluno do que ser um agente positivo de conhecimento;*
- *seria impossível supervisionar os alunos se cada um tiver acesso a um dispositivo;*
- *não garante apreensão maior de conhecimento nem que o nível de interesse na matéria aumentará;*
- *os alunos poderiam "copiar e colar" mais facilmente as respostas em vez de fazer as tarefas;*
- *pode abrir o acesso à Inteligência Artificial, a quem os alunos poderiam recorrer para obter respostas ou fazer trabalhos e textos no lugar deles;*
- *é prejudicial à saúde, ainda mais considerando o quanto os jovens fazem uso das telas fora das aulas por um grande número de horas;*
- *pode viciar os alunos em obter conhecimento em vídeo ou imagens ou "mastigado";*

- pode colaborar com a incapacitação dos alunos a um ritmo mais lento e importantíssimo de aprendizado, como costuma ser a leitura reflexiva, o esboço de ideias, a criação e a contemplação.

ENTREVISTADOR: O uso de tecnologias em sala de aula exige mais tempo ou esforço no planejamento das aulas? Caso positivo, isso é válido?

ENTREVISTADO 5: *Em geral, creio que demandaria mais tempo e esforço sim. Salvo em casos específicos e excepcionais, não acho válido.*

ENTREVISTADOR: Você percebe diferenças na motivação ou no envolvimento dos alunos quando utiliza recursos digitais em comparação com métodos tradicionais?

ENTREVISTADO 5: *Nenhuma diferença na motivação dos alunos em relação à aula. Por parte de alguns, o uso de computadores ou celulares dá uma empolgação/ motivação negativa, pois acreditam (e não estão enganados!) que existe a possibilidade de escaparem da aula entrando em redes sociais ou acessando sites que nada tem a ver com a matéria.*
Para mim, o envolvimento dos alunos não depende de tecnologia digital, mas sim de relacionamento, compreensão e algumas dinâmicas criativas de tempos em tempos.

ENTREVISTADOR: Que tipo de apoio (infraestrutura, materiais ou formação docente) seria essencial para que as TDIC sejam mais efetivas em suas aulas?

ENTREVISTADO 5: *Acredito que o apoio deva ser cultural. Não adianta ter tecnologia se o professor ou o aluno não sabe usar. O aluno principalmente. Ele quer ficar em rede social, em WhatsApp... ele não vai ter o menor interesse em qualquer coisa que se faça em sala de aula usando a tecnologia. Se você passar um filme, por exemplo, ele quer que seja o filme que ele quer.*

ENTREVISTADOR: Você acredita ser necessário haver uma formação docente continuada para integrar tecnologias digitais em práticas pedagógicas? Por quê?

ENTREVISTADO 5: Não. Porque, pela minha experiência com outros cursos de formação continuada, esses cursos não são práticos e não trazem a realidade da sala de aula em toda sua complexidade. Logo, como tantos outros, não serviria pra nada a não ser dar trabalho ao professor.

ENTREVISTADOR: Na sua opinião, de que forma as TDIC podem influenciar o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos?

ENTREVISTADO 5: *De forma bastante negativa, pois os estudantes já têm se viciado bastante em tecnologia, em adquirir informações de forma muito dinâmica. Dessa forma, eles não aprendem a ler textos longos, não exercitam a paciência, a calma e a resistência necessária a tarefas assim, além de terem uma profunda dificuldade em se concentrarem e em tomar tempo para reflexões profundas.*
Naturalmente, isso também afeta a interpretação das informações.
A grande maior parte dos conhecimentos não pode ser adquirido sem o exercício de paciência e concentração. Por isso, o aumento do uso de tecnologias influencia muito habilidades de leitura e interpretação, possivelmente contribuindo com o "emburrecimento" da população.

ENTREVISTADOR: Quais ferramentas digitais você conhece ou faz uso dentro de sala de aula?

ENTREVISTADO 5: *Conheço projetor, computador, celular, quadro inteligente, lousa inteligente, tablet e ferramentas de som e vídeo.*
Quando necessário, proponho a pesquisa de algum tópico no celular para casa, quando sei que todos em sala possuem um aparelho.

ENTREVISTADOR: Você costuma acessar algum tipo de plataforma com sugestões de aulas com uso de tecnologias digitais?

ENTREVISTADO 5: *Uma vez ao mês, só para ter alguma inspiração, colher alguma ideia. Nunca achei uma única aula que eu pudesse replicar integralmente em minha sala de aula.*

O Entrevistado 5 apresentou uma visão mais crítica acerca do uso de tecnologias digitais em sala de aula. Esse professor expressou grande resistência ao uso, argumentando que não vê benefícios significativos para o aprendizado do aluno, e que o esforço adicional exigido para integrá-las não se justifica.

Ele enxerga as tecnologias em sala de aula como um ponto de distração, e que seu uso demanda dificuldade maior para supervisionar e controlar o que os alunos estariam realmente aprendendo; e ainda levanta questões sobre a possibilidade de haver um “copia e cola”, sem refletirem sobre o que realmente estão aprendendo. Além disso, ferramentas como a IA contribuem para execução de atividades sem esforço genuíno.

Sobre a necessidade de infraestrutura e formação docente, o entrevistado argumenta que o problema não é apenas a falta de recursos, mas sim a cultura educacional. Ele questiona se os alunos realmente sabem utilizar as tecnologias para fins pedagógicos ou se estão mais propensos a dispersar sua atenção para redes sociais e entretenimento. E com relação à formação continuada dos professores, ele expressa ceticismo quanto à sua eficácia, afirmando que, em sua experiência, esses cursos não costumam refletir a realidade da sala de aula e, portanto, não seriam úteis.

Quando perguntado sobre o impacto das TDIC no desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos, o entrevistado defende a ideia de que a exposição excessiva a conteúdos digitais compromete a paciência e a concentração dos alunos, e num efeito contrário ao que se espera, torna-os menos capazes de lidar com textos mais longos e reflexivos. Ele reforça a ideia de que a tecnologia pode estar contribuindo para um “emburrecimento” da população ao incentivar a busca por informações de forma rápida e superficial, em detrimento da construção de um pensamento crítico mais profundo.

O professor cita ainda a questão da saúde, já que o uso excessivo das telas, segundo ele, pode impactar negativamente a saúde dos alunos, prejudicando habilidades como leitura reflexiva e interpretação aprofundada dos textos,

Ele acrescenta que até poderia considerar o uso das tecnologias caso houvesse evidências concretas de que não são mais eficazes que os métodos tradicionais. Além disso, reitera que a implementação de TDIC em suas aulas demanda um aumento na carga horária docente.

Outro ponto observado é sobre o uso das tecnologias no planejamento das aulas. O entrevistado acredita que elas demandam sim mais tempo e esforço, e talvez

não valha a pena porque ele não percebe diferenças positivas na motivação ou no envolvimento dos alunos por isso. E vai além afirmando que a relação professor-aluno e estratégias pedagógicas tradicionais são mais determinantes para o engajamento do que o uso de dispositivos tecnológicos.

Por fim, ele demonstra conhecer diversas ferramentas digitais. Mas limita seu uso por acreditar que nunca tenha encontrado uma proposta que coubesse integralmente a suas aulas.

De um modo geral, essa entrevista traz uma visão importante para o estudo, evidenciando que ainda há uma forte resistência ao uso das TDIC entre alguns professores. E essa resistência não está apenas ligada à infraestrutura limitada das escolas, mas também a preocupações pedagógicas mais amplas, como a qualidade do aprendizado e a necessidade de manter uma abordagem reflexiva e crítica na educação.

5 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

Referenciando MINAYO, foi possível imergir nas respostas dos entrevistados e estabelecer uma relação entre os dados fornecidos por todos eles e os objetivos desta pesquisa. A complexidade das experiências dos professores em relação ao uso de tecnologias digitais foi compreendida e empregada aqui graças à análise das percepções que cada um teve a partir de suas experiências e suas vivências. MINAYO orienta que é preciso perceber os fenômenos sociais que existem por trás de cada sujeito falante. E é nas entrelinhas de suas falas que se desencadeiam aqui algumas considerações a respeito.

Foi possível perceber falas ao mesmo tempo que congruentes, também antagônicas a respeito do tema em questão. Há diferentes percepções e experiências, mas quase todas convergem para um mesmo ponto: à proporção que a motivação surge e se acende nas práticas que fazem uso de tecnologias digitais, também os desafios estruturais encontrados são entraves significativos à adoção desse uso. Soma-se a isso, a resistência em caminhar junto à modernidade, quando se torna quase obrigatório recalcular rotas que antes já andavam em modo piloto automático.

No que tange ao objetivo desta, que é compreender a relação entre Professor e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e sua eficácia na interpretação

de textos, considerou-se de acordo com BARDIN, quatro eixos principais, todos relacionados ao objetivo principal da pesquisa que é Investigar como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem ser utilizadas na sala de aula de forma a auxiliar o professor nas aulas de interpretação de textos narrativos, estimulando o aluno a práticas leitoras dinâmicas e capazes de promover a compreensão, a produção textual e o engajamento em outros gêneros textuais além do Narrativo. O autor foi referenciado por contribuir com sua tese sobre a importância de organizar os dados em categorias significativas para identificar padrões e temas relevantes. A categorização, conforme dito anteriormente, encaixa-se neste processo de investigação, porque permite analisar o conteúdo das respostas e dele inferir significados e interpretações.

Os eixos referem-se à **Motivação e Engajamento**; **Barreiras e Desafios**; **Formação e Suporte tecnológico**; **Resposta dos alunos em relação à aprendizagem e comportamento**; e, finalmente, a **Percepção do professor sobre a eficácia das TDIC** frente ao objetivo desta pesquisa.

Percebeu-se que a maioria dos professores mostraram-se motivados a usar a tecnologia digital em suas aulas por entender que elas podem promover um ensino mais dinâmico. Dentre os fatores elencados para esta motivação destaca-se o aumento no interesse dos alunos em aulas com uso das TDIC e a possibilidade de promover uma aula diversificada.

PRENSKY (2001) destaca que há uma relação de intimidade entre os alunos e a tecnologia, visto que, segundo ele, há uma “Geração Digital” - indivíduos contemporâneos às tecnologias digitais - que é mais propensa a se envolver em práticas que as empregam. Este autor defende a ideia de que os recursos tecnológicos, alinhados aos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, podem proporcionar um ambiente mais dinâmico e interativo, envolvendo os alunos em atividades mais relevantes e significativas. Para o professor, esta relação de proximidade entre o aluno e a tecnologia é grande aliada no momento da aula em que é preciso envolvimento e interação do corpo discente.

A falta de infraestrutura adequada, no entanto, aparece como um obstáculo significativo à inserção de estruturas tecnológicas nas aulas. Essa realidade, enfrentada por muitos professores no ambiente escolar, evidencia a escassez de políticas educacionais que possam promover estruturas que deem acesso a um uso mais prático e célere de equipamentos tecnológicos nas escolas. O relatório da UNESCO (2023) revela que “*a infraestrutura digital inadequada e a falta de*

dispositivos prejudicam a capacidade dos professores de integrar a tecnologia em sua prática".

Se por um lado o aluno estabelece uma relação cada vez mais próxima com a tecnologia, principalmente a digital, por outro o professor ainda encontra-se em posição mais distante desta. Essa afirmativa emerge do reconhecimento citado pela maioria dos docentes sobre a necessidade de uma formação para uso de tecnologias em suas aulas de forma mais segura. E vai além. A formação necessária deve seguir a evolução do processo tecnológico, acompanhando as rápidas transformações tecnológicas vigentes, ou seja, ela precisa ser contínua e acima de tudo contextualizada com as demandas educacionais, sobretudo para que não seja utilizada como um mero recurso adicional (KENSKY, 2012).

Um entrevistado, no entanto, mostrou-se bastante cético em relação ao uso de tecnologias em salas de aula. Ele cita que há uma desconexão entre a formação teórica e a realidade prática das salas de aula. Revela ainda preocupações sobre o aprendizado promovido através da tecnologia que, segundo ele, pode ser adquirido de forma apenas superficial, já que o foco do aluno estaria mais no uso dos dispositivos que no conteúdo em si.

Outra questão que surgiu ainda dentro da categoria **Barreiras e Desafios** foi o tempo de planejamento das aulas com uso de tecnologias digitais. Foi consenso que há uma demanda maior de tempo e esforço para planejar aulas mais tecnológicas. Repensar o procedimento pedagógico de forma a incorporar tecnologias de forma significativa requer uma nova visão de metodologia e planejamento, o que despende maior tempo. No entanto, o ponto alto desta questão é que, apesar do reconhecimento de maior investimento de tempo, o resultado compensa o empenho empregado.

No que diz respeito à **Resposta dos alunos em relação à aprendizagem e comportamento** e a **Percepção do professor sobre a eficácia das TDIC**, revelou-se impactos significativos na aprendizagem. Destacou-se uma melhoria na compreensão dos textos, aumento da autonomia dos estudantes e a possibilidade de personalização do ensino conforme o ritmo de cada aluno. A interatividade proporcionada pelo uso de recursos digitais parece estimular a participação e o interesse pelo conteúdo.

No entanto, há pontos de atenção a serem observados, como a dificuldade de se manter a atenção dos alunos diante desses recursos, bem como a necessidade de se promover um equilíbrio entre o digital e o analógico, já que é preciso atentar ao fato de que, da mesma maneira que o aluno se sente atraído pela rapidez do universo

digital, ele pode repelir o universo analógico, ainda bastante presente, por não imprimir a mesma velocidade a qual cada vez mais ele está ambientado. Essa compreensão revela a importância do papel da mediação pedagógica quanto ao uso crítico e reflexivo das tecnologias, já que, considerar as diferentes visões e experiências não apenas dos alunos mas dos professores, implica em conseguir a harmonia entre o que há de se estabelecer e o que já é estabelecido.

Assim, a análise das entrevistas revela que há um futuro promissor na integração das TDIC, principalmente no ensino de língua portuguesa. Mas revela também que esse é um processo complexo e desafiador, que exige investimentos em infraestrutura e formação docente. A consciência de que os recursos tecnológicos podem ser usados de forma planejada e com intencionalidade pedagógica deve ser considerada como um processo de transição pedagógica que envolve diferentes visões e experiências de professores e também de alunos. É um “meio do caminho”, onde no entanto, não se consegue nunca vislumbrar um fim.

6 UMA PLATAFORMA COMO UM ACERVO TECNOLÓGICO

6.1 Integração de saberes docentes e tecnologia

Fato é que urge uma necessidade latente de práticas que possam estreitar a relação professor x tecnologia. Mas há, neste processo, algumas condições estruturais que engloba não apenas a vontade unilateral do docente, mas fatores sistêmicos, como políticas públicas, recursos institucionais e dinâmicas sociais as quais transcendem uma vontade individual.

TARDIF (2002) defende a ideia de que há saberes inerentes à prática docente, e que estes se constroem a partir de diferentes fontes. Sâo eles: *Saberes Disciplinares* e *Saberes Curriculares*, característicos da prática profissional, *Saberes Profissionais,* aqueles aprendidos durante seu processo de formação, ou seja, repassados pela sua instituição formadora, e os *Saberes Experienciais,* aqueles construídos durante a prática docente e que estão intimamente ligados ao saber-fazer e saber-ser.

A relação entre o professor e a tecnologia não se consubstancia em competências técnicas apenas, mas nos saberes construídos durante e para a sua

prática pedagógica. E ainda segundo TARDIF (2002) o indivíduo assimila esses saberes de acordo com sua individualidade, no seu tempo e no seu propósito. Eles são heterogêneos e circunstanciais.

É neste contexto que se destaca a importância da busca que precisa ser emanada do sujeito agente, no caso o professor, para que possa não apenas aprimorar sua práxis, mas alinhá-la ao contexto social digital em constante processo evolutivo.

E se essa relação entre o docente e os recursos tecnológicos se fundamenta em saberes construídos na prática profissional, a busca por uma ferramenta que amplie esta possibilidade de maior dimensão tecnológica em práticas educacionais pode partir do próprio docente, mas não necessariamente ser algo isolado, ou pontual. A visita a espaços virtuais que valorizem e facilitem a prática profissional do professor pode e deve ser uma prática constante na preparação de suas aulas. Uma sugestão a um tipo de ferramenta que pode funcionar como resposta a esta demanda é uma plataforma em formato de Blog, no qual faz-se diversos registros, chamados *Posts*, os quais ficam disponíveis para consulta em uma ordem cronológica inversa, ou seja, os *Posts* mais recentes ocupam o topo da página.

Os *Blogs* divulgam conteúdos de todas as áreas da sociedade. GOMES e LOPES (2007) os categorizam de duas maneiras semelhantes, mas distintas entre si: O Blog como recurso pedagógico e o Blog como estratégia pedagógica. O primeiro funciona para consulta apenas. É um diário. O autor (ou autores, porque permite mais de um autor para os Posts) é o sujeito ativo que alimenta a ferramenta para que outros sujeitos, passivos, colham o que lhes é ofertado como forma de conhecimento. O segundo possibilita diálogos na medida em que o consultor se torna um sujeito ativo, o qual lhe é possibilitada a faculdade de debater, discutir as ideias ali postadas. Funciona como uma estratégia pedagógica.

A possibilidade de se tecer comentários acerca dos conteúdos também abre margem à interatividade propícia ao processo educativo. LÈVY (1993) afirma que *“novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”,* e neste contexto, a ferramenta em questão se adequa à categoria de utilidades digitais que acaba se destacando como sendo um importante instrumento de interação e compartilhamento de ideias.

Um *Blog* pode dialogar ainda com outros *Blogs* na medida em que possibilita a exibição de imagens, links, páginas da web tornando-os acessíveis ao público leitor. Assim, uma plataforma que sugira um *Blog* com sugestões de aulas

empregando-se recursos tecnológicos emerge como uma resposta a demandas necessárias à construção e crescimento profissional. Ao oferecer sugestões de aulas adaptáveis à prática individual do professor, essa ferramenta atua como um instrumento mediador entre o docente e seu conteúdo, preservando-lhe a possibilidade de fazer adaptações conforme convém a sua metodologia, ou seja, a autonomia do professor é respeitada ao mesmo tempo em que este é estimulado a se reinventar pedagogicamente, colocando-o em situação de diálogo com as transformações sociais e tecnológicas que nos têm sido impostas.

Desta forma, a relação professor e tecnologia é enriquecida de forma a dar margem a outras possibilidades de construções.

Vale registrar que nenhuma ferramenta digital substitui condições estruturais. Elas são elementos facilitadores de um processo e, se em consonância com mudanças sistêmicas resultantes de políticas públicas de fomento a infraestruturas, por exemplo, favorecem não apenas a mudanças comportamentais e de atitudes, mas de mentalidade, no que tange à absorção de novas tecnologias para ministração de aulas com recursos tecnológicos por parte do professor.

Desta forma, busca-se aqui, além de buscar dados para viabilidade de um projeto de pesquisa mais aprofundado acerca do tema, apresentar sugestões de estratégias tecnológicas oferecidas em especial ao grupo de professores para que possam encontrar inspirações para desenvolvimento de projetos futuros com uso de recursos digitais.

6.2 Plataforma Blog com estratégias pedagógicas

Diante deste olhar, o espaço virtual aqui já mencionado, a Plataforma Blog, torna-se ferramenta de ótima visitação ao público em questão.

A *Plataforma* Blog *Textualizando* (Fig. 5) foi desenvolvida através de uma das ferramentas do *Google*, o *Blogger*, que é um espaço de criação de Blogs, e que tem por objetivo criar e gerir Blogs. Tem a vantagem, além de ser gratuito, de ter um subdomínio, o *Blogspot.com,* ou seja, não é necessário pagar um domínio para a hospedagem do blog criado porque este domínio já está dentro do domínio do Google. Explicando melhor: o Google oferece várias ferramentas, como criação de planilhas, de documentos, criação de formulários, guias de apresentações e muito

mais; entre todas essas ferramentas há o Blogger, que permite criar Blogs, já hospedados dentro do Google através do subdomínio *Blogspot.com,* não havendo, então, a necessidade de pagamentos para hospedagem.

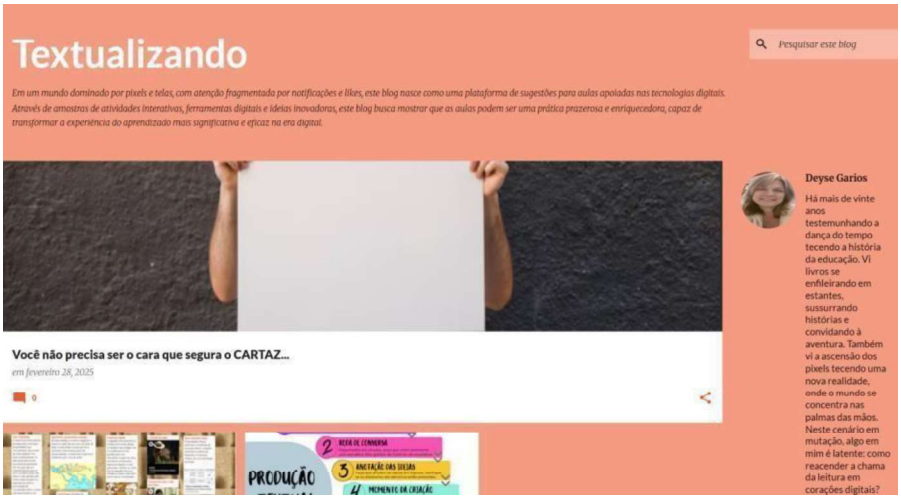
A *Plataforma Blog Textualizando* foi pensada para ser um manual de inspiração do professor, para que ele pudesse ter ideias de como usar a tecnologia digital dentro do seu planejamento escolar.

Em sua breve introdução já explicita a que veio:

> "*Em um mundo dominado por pixels e telas, com atenção fragmentada por notificações e likes, esta plataforma nasce como um espaço de sugestões para aulas apoiadas nas tecnologias digitais. Através de amostras de atividades interativas, ferramentas digitais e ideias inovadoras, este blog busca mostrar que as aulas podem ser uma prática prazerosa e enriquecedora, capaz de transformar a experiência do aprendizado mais significativa e eficaz na era digital.*"
>
> Textualizandoon.blogspot.com

É uma ferramenta intuitiva e se apresenta de forma clara com sugestões de aulas. Para acessar basta clicar no endereço *https://textualizandoon.blogspot.com* e ter acesso aos *Posts* com sugestões de aulas.

Fig. 5 – PÁGINA INICIAL BLOG TEXTUALIZANDO

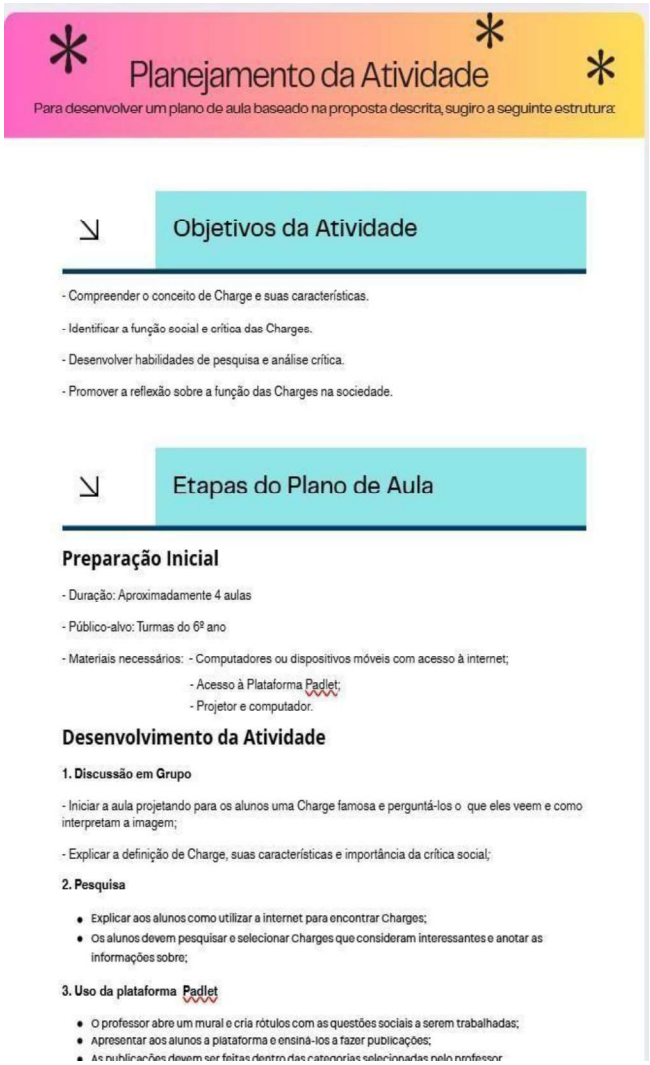


Fonte: elaborado pela própria autora

Há vários sites de pesquisa e suporte para auxílio ao professor na elaboração de materiais de aula, avaliações, dinâmicas e até mesmo aulas completas. Navegando pela internet é possível encontrar uma vasta gama de atividades de várias modalidades de aula. A proposta da *Plataforma Blog Textualizando*, no entanto, diferencia-se das demais por ser bem específico em sua proposta de sugestão de atividades com uso de recursos tecnológicos, apenas. O corpo dessa ferramenta é estruturado de forma a ser apresentado como um passo a passo, é bem didático e busca ser acessível ao professor tanto em sua linguagem como na facilidade de usufruir das opções sugeridas.

Além disso, acredita-se que possa ser um diferencial porque ao final de cada sugestão é disponibilizado ao professor a sequência didática para a atividade sugerida Fig.6).

Fig. 6 – EXEMPLO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Fonte: elaborado pela própria autora

6.3 Avaliação do Produto

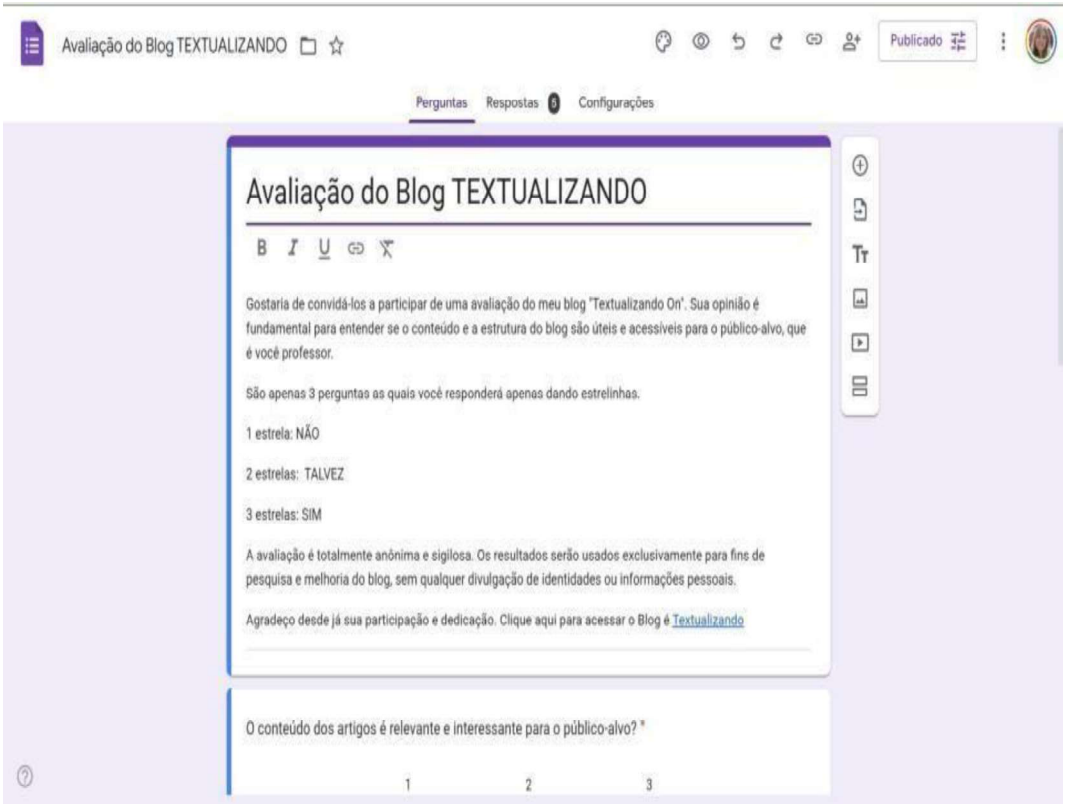
Após a elaboração desta plataforma não apenas como um produto deste curso de Mestrado, mas também como um instrumento de pesquisa e recurso metodológico ao professor, a mesmo foi submetida à avaliação dos cinco professores participantes do estudo da fase de Entrevistas.

Para garantir a validade do produto, os docentes analisaram a ferramenta através de um formulário estruturado do *Google Forms*, o qual permitiu coletar feedbacks sobre a clareza, relevância e adequação pedagógica do conteúdo do Blog.

Foram quatro perguntas elencadas como mostra a Fig. 7, cujas respostas consistiam em atribuir estrelas para cada questão, sendo uma estrela para NÃO, duas para TALVEZ e três para SIM.

- *O conteúdo dos artigos é relevante e interessante para o público-alvo?*
- *A formatação dos textos é clara e fácil de seguir?*
- *A Plataforma Blog trouxe algo inovador para sua prática pedagógica no que diz respeito ao incentivo da leitura?*
- *Pensando nas questões Design e Usabilidade:*
    - *O layout é visualmente agradável e fácil de navegar?*
    - *O design é responsivo e funciona bem em dispositivos móveis? As cores e fontes facilitam a leitura?*
    - *O tempo de carregamento das páginas é rápido?*

Fig. 7 – AVALIAÇÃO DA PLATAFORMA BLOG TEXTUALIZANDO



Fonte: elaborado pela própria autora

Também lhes foi solicitado analisar aspectos quanto ao design e usabilidade do site hospedeiro da Plataforma. Para tal, quatro perguntas se dividiram em respostas objetivas: SIM, TALVEZ, NÃO.

A análise dos resultados permitiu concluir que a Plataforma Blog Textualizando foi considerada relevante para o público-alvo. Quatro professores, no caso a maioria, responderam que SIM, o produto é relevante, e apenas um professor deu uma resposta inconclusiva para este critério.

Com relação à formatação dos textos, o resultado mostrou que apesar da maioria ter aplicado três estrelas a este aspecto, a organização textual pode ser aprimorada de forma a atender de maneira mais unânime à praticidade leitora.

Quanto à inovação na prática pedagógica, quatro dos cinco professores indicaram que a plataforma tem potencial para trazer elementos que podem auxiliar no incentivo à prática leitora, apesar de um professor ter sinalizado que a ferramenta “não fez diferença” na sua prática pedagógica.

O último critério revelou resultados bastante positivos. O layout foi considerado visualmente agradável e de fácil navegação. Todos afirmaram que o funciona adequadamente em dispositivos móveis, informação muito importante para

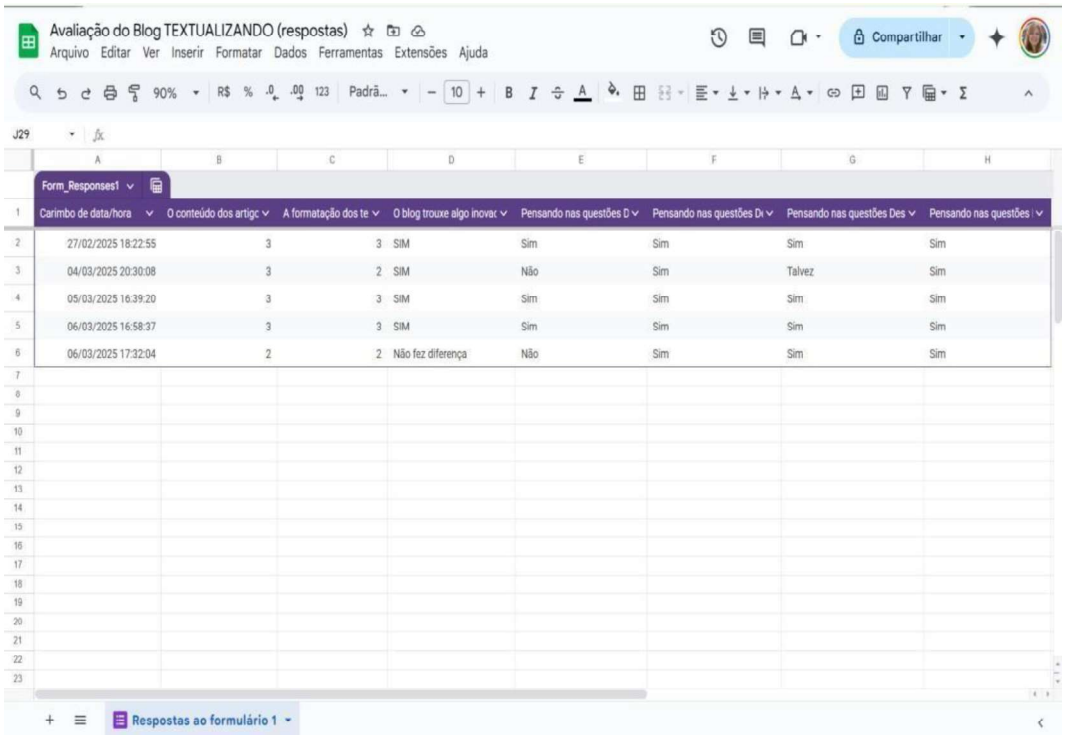
acessibilidade, e o tempo de carregamento das páginas é bom.

Esses dados indicam que há potencialidade, tanto pela relevância de seu conteúdo quanto pelo aspecto prático do manuseio. Indicaram ainda a necessidade de fazer ajustes estratégicos tornando-o uma ferramenta de apoio ainda mais eficiente para o uso de tecnologias digitais em sala de aula. De qualquer forma o panorama mostrou-se promissor.

A boa nova ocorreu com o número de visitas à página quando da divulgação do endereço para os participantes da validação. Entre os dias 27 e 28/02/2025 ocorreu a solicitação para que os docentes visitassem a Plataforma Blog e a avaliassem.

Apesar da data já estar bem próxima ao recesso de Carnaval, e ter-lhes sido solicitado responder em até 15 dias, as respostas se iniciaram logo no primeiro dia e terminaram exatamente durante o recesso de Carnaval, conforme mostra figura abaixo (Tab. 6).

Tabela 6 – Planilha de respostas do formulário de avaliação da Plataforma Blog TEXTUALIZANDO



Fonte: elaborado pela própria autora

No entanto, no momento da análise destas respostas, verificou-se, conforme circulado em vermelho na Fig. 8, que houve um número maior de visitantes que o

proposto para análise.

Fig. 8 – AMOSTRA NÚMERO DE VISITAS À PLATAFORMA BLOG TEXTUALIZANDO



Fonte: elaborado pela própria autora

Uma visão mais analítica, conforme Graf. 7, verificou-se que as visitas ocorreram entre os dias 19 e 23 de março do corrente ano. Esse dado revela que algum dos professores participantes replicou o endereço da Plataforma Blog e já houve visita a esta página, fato que deve ser levado em conta pelo objetivo a que o Blog se propõe, que é alcançar profissionais que atuam em sala de aula.

Gráf. 7 – GRÁFICO DE VISUALIZAÇÕES DA PLATAFORMA BLOG TEXTUALIZANDO



Fonte: elaborado pela própria autora

Assim, de acordo com os dados exibidos, já considerando a reavaliação de alguns critérios, considerando ainda que o aumento no número de visitas à Plataforma Blog contribuirá para uma avaliação mais representativa, entende-se que *Textualizando* mostrou-se uma ferramenta eficaz, demonstrando um potencial promissor como ferramenta pedagógica.

7 CONCLUSÃO

O presente estudo, ainda de caráter preliminar, objetivou investigar o potencial das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como ferramentas de incentivo à prática leitora, na medida em que têm o potencial de tornar-se elemento mobilizador para o aluno em sala de aula.

O ponto de partida para esta pesquisa foi a percepção, através de mais de vinte anos de magistério em sala de aula, de que os alunos estão cada vez menos interessados em praticar o hábito de ler, e cada vez mais interessados em atividades que envolvam dispositivos tecnológicos digitais.

Corroborou com esta ideia o resultado dos últimos exames do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), em que o Brasil aparece abaixo da média da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o que significa que o sistema educacional brasileiro enfrenta desafios importantes em relação à qualidade do ensino.

No processo investigativo optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo voltada aos professores da Educação Básica, na qual buscou-se entender as percepções, os desafios e as potencialidades que estes têm quando da integração das TDIC em suas práticas pedagógicas.

Os dados revelaram que há uma predisposição positiva em incorporar os recursos digitais porque é possível vislumbrar um maior engajamento por parte dos alunos e, consequentemente, uma maior chance de apreensão do conteúdo abordado. O uso de tecnologias digitais pode contribuir para tornar as aulas mais dinâmicas, interativas e conectadas à realidade dos estudantes, o que, por sua vez, favorece o desenvolvimento de competências leitoras mais amplas e autônomas. Durante a coleta desses dados, inclusive, um ponto veio ao encontro desta afirmativa: percebeu-se um contraste significativo que impactou no interesse dos alunos ao retornar de uma prática pedagógica com uso de recursos tecnológicos digitais para uma aula sem fazer qualquer uso desse tipo de ferramenta.

No entanto, evidenciou-se ainda a existência de barreiras estruturais e formativas bastante significativas, as quais levou à compreensão da necessidade de uma formação continuada não apenas no domínio técnico das ferramentas digitais, mas também quanto ao seu uso pedagógico, focando em metodologias ativas e protagonismo do aluno. Além disso, o investimento em formação é fundamental para

que o professor desenvolva aulas dinâmicas ao mesmo tempo em que as alinha à BNCC, possibilitando-o implementar práticas pedagógicas eficazes para alcançar os objetivos de ensino, bem como dando-lhe suporte para que se sinta seguro em operar com recursos tecnológicos.

Ficou também bastante evidente que o investimento em infraestrutura escolar faz-se necessário para a aplicação dessa práxis no dia a dia do professor, já que o acesso a recursos tecnológicos adequados aliados a espaços físicos bem estruturados ajudam a promover um ambiente propício à realização de atividades interativas e engajadoras. Dificuldades na preparação de aulas com uso de recursos digitais são desmotivadoras para a comunidade escolar como um todo.

Para promover um diálogo entre a teoria e metodologias de aprendizagem com uso de recursos digitais para a sala de aula, propõe-se ao professor a consulta ao Blog *Textualizando,* uma espécie de acervo digital com sugestões de práticas pedagógicas que utilizam a tecnologia criado como produto final para este curso de Mestrado. A boa aceitação deste portal por parte dos colaboradores da pesquisa aponta não apenas para sua relevância como também para sua viabilidade como apoio pedagógico para docentes.

Destarte, a pesquisa revelou um cenário promissor, mas bastante complexo na implementação de tecnologias digitais em salas de aula. É preciso que haja um compromisso das políticas públicas educacionais em oferecer infraestrutura adequada e formação contínua para os docentes. É preciso ainda que os professores desenvolvam uma abordagem reflexiva acerca do uso de tecnologias, assegurando que essas ferramentas possam contribuir para o aprendizado significativo destes, inserindo a educação em um espaço mais inclusivo e adaptado às demandas do século XXI.

Assim, este estudo, de caráter preliminar, não pretende ser apenas um instrumento de levantamento de dados para reflexão, mas um ponto de partida para futuras investigações que possam consolidar o uso de tecnologias digitais, de forma significativa, em sala de aula. A inevitável presença digital no cenário educacional e sua consequente transformação passa por práticas inovadoras que possam dialogar com todo o contexto digital no qual o corpo discente está hoje inserido. O uso consciente e estruturado das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação tem muito a agregar ao ensino não apenas no Brasil mas em todo o mundo.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. E. B. et al. (2017). O currículo na cultura digital e a integração currículo e tecnologias. In: CERNY, R. Z. et al. (orgs.). *Formação de Educadores na Cultura Digital* Florianópolis: UFSC/CED/NUP.

AUSUBEL, D. P. **Psychology of meaningful verbal learning**. Londres, England: Grune & Stratton, 1963.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de Cleonice Barreto Moura. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Notas sobre o Brasil no Pisa 2022. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRITO, Gabriel Rodriguez. **Adaptação, desenvolvimento e evidências de validade e precisão de instrumentos de avaliação dos componentes de leitura no ensino fundamental II**. 2017. 126 f. Dissertação (Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

CANAVILHAS, J. et al. **Webjornalismo 7 características que marcam a diferença**. Portugal: Livros LabCom, 2014.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. [s.l.] São Paulo Paz E Terra, 2008.

Cordeiro, C., Nunes, A., Castro, S.L. et al. **Ensino da Compreensão de Leitura em Escolas Portuguesas de Ensino Fundamental e Médio**. Tech Know Learn 26, 339–354 (2021). https://doi.org/10.1007/s10758-020-09486-y

DALLAGNOL, A.; MACIEL, C. M. L. A. Os (nem tão novos) problemas educacionais brasileiros. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, p. e121111133369, 2022.

DE AGUIAR, V. T. **A formação do leitor**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40359/1/01d17t08.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2025.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.; MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017.

Divulgados resultados do Brasil no Pisa 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>. Acesso em: 15 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p. ISBN 8521900058

GIROUX, H. A. (1999). *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.* Porto Alegre: Artmed.

GOMES, Andreyllson Plácido Souza; DA SILVA, Cicero Kleandro Bezerra. ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO ATRAVÉS DOS TEXTOS NARRATIVOS. **Revista 15 de outubro**, v. 2, n. 1, p. 63-71, 2023.

GOOD, T. e BROPHY, J. (1987) Looking in Classrooms. 4ª edição, Harper and Row, Nova York.

GOODMAN. K. Unity in reading. In: SINGER H. & RUDDELL, R. B. **Theoretical model and processes of reading**. Newark Delaware: Internacional Reading Association,1985, p.813-840

GOUGH, P. B. **One second of reading**. In: KAVANAGH,J.F. & MATTINGLY, I.G.(orgs). Language by ear and by eye. Cambridge: MIT Press,1972, p.353- 378).

Gough, P. B., & Tunmer, W. E. (1986). **Decoding, reading & reading disability. Remedial and Special Education**, 7, 6-10. doi: 10.1177/074193258600700104

JENKINS, H. (2009). **Convergence culture: Where old and new media collid***e*. New York: New York University Press.

Kate Nation (2019) **Dificuldades de leitura das crianças, linguagem e reflexões sobre a visão simples da leitura**, Australian Journal of Learning Difficulties, 24:1, 47-73, DOI: 10.1080/19404158.2019.1609272

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. [s.l.] Papirus, 2003. LEFFA, V. J.

LéVY, P. (1999). **Inteligências coletivas: Por uma nova economia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora 34.

LUCAS, P. DE O. **Revisitando leitura(s) na formação de professores: reflexões sobre modelos presentes nos MDs de inglês como LE.** Revista EntreLínguas, v. 3, n. 1, p. 57–74, 2017.

MANTOVANI, Ana Margô. Blogs na Educação: construindo novos espaços de autoria na prática pedagógica. **Revista Prisma**, v. 1, n. 3, 2006.

OLIVEIRA, M.; MOTA, M. M. P. E. DA. O Modelo Simples de Leitura Explica a Compreensão Leitora no Português? Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 17, n. 1, p. 306–322, 1 jan. 2017.

OLIVEIRA, R. P. DE; ARAUJO, G. C. DE. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, p. 5–23, abr. 2005.

OLIVEIRA, T. R. Mau resultado do Brasil no Pisa está ligado ao baixo investimento na educação pública. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/mau-resultado-do-brasil-no-pisa-esta-ligado-ao-baixo-investimento-na-educacao-publica/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINIANO, M. **Conheça os desafios da educação na Era Digital e descubra como superá-los**. **BLOG FLEXGE**, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://blog.flexge.com/educacao-era-digital-desafios/?utm_term=&utm_source=google&utm_medium=ppc&utm_campaign=%5BV4%5D%5BMO%5D%5BPMA%5D%5BGOO%5D%5BGO%5DPMAX&hsa_cam=17240526692&hsa_grp=&hsa_mt=&hsa_src=x&hsa_ad=&hsa_acc=1572026203&hsa_net=adwords&hsa_kw=&hsa_tgt=&hsa_ver=3&gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwmMayBhDuARIsAM9HM8enZIdO53bKYH9wKjz2kR9C46Qj48Dl_IOzruB_JtjD1u8fRseHSYoaAtnWEALw_wcB>. Acesso em: 29 maio. 2024

MEC apresenta ações voltadas para o uso da tecnologia na educação no Seminário 5G.BR Manaus. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2022/mec-apresenta-acoes-voltadas-para-o-uso-da-tecnologia-na-educacao-no-seminario-5g-br-manaus>. Acesso em: 15 out. 2024.
:
MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

MORAN COSTAS, José Manuel. Contribuição das tecnologias para a transformação da educação. Entrevista concedida a ***Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal***, Brasília, v. 5, n. 14, p. 8-10, 2018. Disponível em: https://revistacomcenso.com.br. Acesso em: 27 set. 2024.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. 174p.

OLIVEIRA, Marcia; MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da. **O Modelo Simples de Leitura Explica a Compreensão Leitora no Português?** Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 306-322, jan. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000100017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 jan. 2024.

NOTA SOBRE O BRASIL NO PISA 2022 DIRETORIA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DAEB. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2022/pisa_2022_brazil_prt.pdf>.

PAZ, D. M. DOS S. **A teoria de Gough e o modelo ascendente de leitura**. Linguagens & Cidadania, v. 8, n. 1, 28 jul. 2017.

PÉREZ GÓMEZ, A. (1995). O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In A. Nóvoa, (Org.), Os professores e sua formação [Teachers and Their Education] (pp. 93-114). Lisboa: Dom Quixote.

PIMENTA, Selma***. Educação e Tecnologias: O que saber sobre?*** São Paulo: Papirus, 2010.

PINTO, C. M.; RICHTER, M. G. **TEORIA DA ATIVIDADE E MODELOS DE LEITURA EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS - L2.** , v. 8, n. 2, 28 jul. 2017. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/L&C_2S_06/Marcos_Candida.pdf>.Acesso em: 18 jan. 2024.

Pisa - Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33571>.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. **Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico**. Retratos da escola, v. 10, n. 18, 2016.

PRENSKY, P. M. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. Disponível em: <https://mundonativodigital.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.

QUEIROZ, S. S. DE et al. Erros e equilibração em psicologia genética. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 2, p. 263–271, 2011.

RELATÓRIO BRASIL NO PISA 2018 DIRETORIA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DAEB. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf>.

RUMELHART, D. E. **Toward an interactive model of reading**. In: DORNIC, S. Attention and performance VI. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1977, p.575-603.

SANTOS Julienne Marie Silva. **Incentivando a Prática da Leitura em Sala de Aula**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Ed. 01, Vol. 1. pp 178-191, Abril de 2017. ISSN: 2448-0959

SOLÉ, I. **estratégias de leitura**. 6ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TORPPA, Minna et al. **Reading comprehension difficulty is often distinct from difficulty in reading fluency and accompanied with problems in motivation and school well-being**. Educational Psychology, v. 40, n. 1, p. 62-81, 9 out. 2019.Disponível em: https://doi.org/10.1080/01443410.2019.1670334. Acesso em: 15 fev. 2024.

UnB Notícias - Tecnologia e educação na era digital: desafios para a igualdade de gênero. Disponível em: <https://noticias.unb.br/artigos-main/6387-tecnologia-e-educacao-na-era-digital-

desafios-para-a-igualdade-de-genero>. Acesso em: 12 out. 2024.

UNESCO. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por>. Acesso em: 16 mar. 2025.

VYGOTSKY, L. S. (1984). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes.

YAMASHITA, M. **As causas do mau resultado do Brasil no Pisa**. Instituto Questão de Ciência, 19 jul. 2024. Disponível em: <https://revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2024/07/19/causas-do-mau-resultado-do-brasil-no-pisa>. Acesso em: 21 ago. 2024.

APÊNDICE A - Pesquisa com uso de ferramentas virtuais

Título: Material Didático Pesquisa sobre o uso de tecnologias digitais em sala de aula

Título em inglês: Teaching Material Research about the use of digital technologies in the classroom

Descrição do Material Didático e de sua finalidade: Questionário online, realizado com auxílio da plataforma Forms, do Google, e replicado via WhatsApp a grupos de professores do segundo segmento da Educação Básica, buscando traçar um perfil sobre a relação do educador com as Tecnologias Digitais na educação.

Natureza: Digital

Finalidade: Questionário direcionado a professores de Língua Portuguesa, com o objetivo de traçar um perfil dos educadores atuantes no Ensino Fundamental da rede pública e privada; identificar ausência ou presença de dificuldades e obstáculos enfrentados pelos mesmos, e sua predisposição quanto ao uso de instrumentos pedagógicos tecnológicos na sua prática pedagógica.

.

Demanda:

(X) Externa ( ) Edital
( ) Interna

Avanços tecnológicos/grau de novidade:

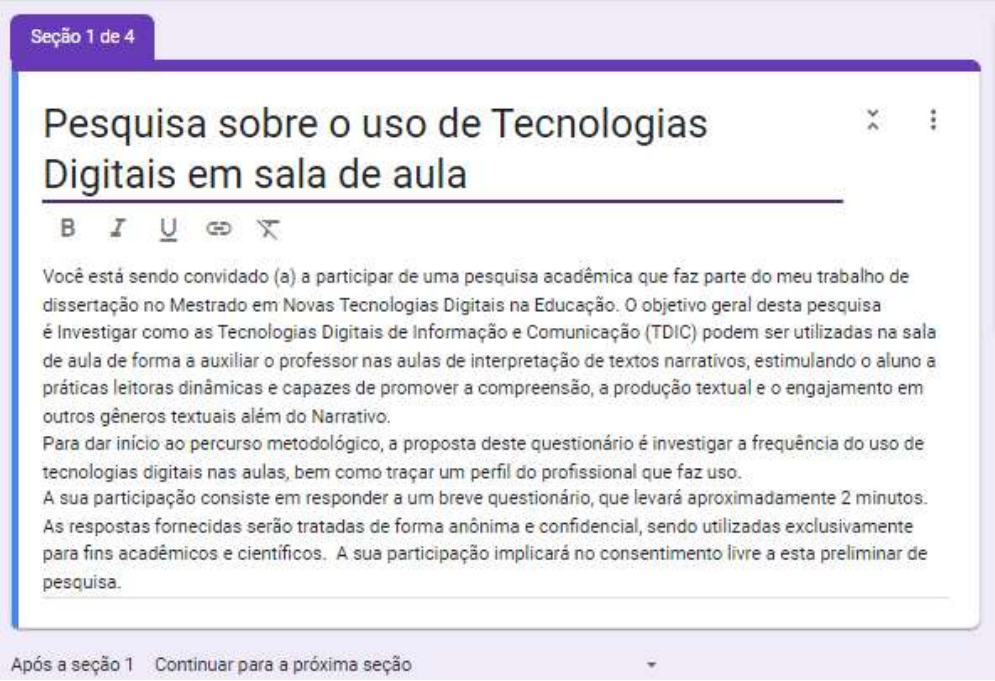
( ) Produção com alto teor inovativo: desenvolvimento com base em conhecimento inédito;
(X) Produção com médio teor inovativo: combinação de conhecimentos pré-estabelecidos;
( ) Produção com baixo teor inovativo: adaptação de conhecimento existente; ( ) Produção sem inovação aparente: produção técnica.

Descrição da Abrangência realizada: Elaborado com auxílio da ferramenta Forms, do Google, o questionário sobre o uso tecnologias digitais em sala de aula foi

elaborado com sete perguntas e replicado via Plataforma de troca de mensagens (WhatsApp) a grupos de professores do segundo segmento do Ensino Fundamenta da Educação Básica.

Descrição da Abrangência potencial: O material em questão pode ser escalonado em qualquer instituição de ensino em que haja profissionais de língua portuguesa do segundo segmento da Educação Básica atuantes. Não há qualquer tipo de conteúdo que possa impactar este pública, é apenas investigativo.

Descrição da Replicabilidade: A replicabilidade deste material é possível, desde que haja consonância com a pesquisa sobre o uso de tecnologias digitais em sala de aula.



Seção 2 de 4

Uso de Tecnologias Digitais

Descrição (opcional)

Qual a sua idade? *

- ○ Até 25 anos
- ○ Entre 26 e 35 anos
- ○ Entre 36 e 45 anos
- ○ Entre 46 e 55 anos
- ○ Acima de 56 anos

Você se identifica com o gênero: *

- ○ Masculino
- ○ Feminino

Você leciona na Rede: *

- ○ Pública
- ○ Privada
- ○ Ambas

Há quantos anos você leciona? *

- ○ Há menos de 5 anos
- ○ Entre 5 e 9 anos
- ○ Entre 10 e 14 anos
- ○ Entre 15 e 19 anos
- ○ Entre 20 e 24 anos
- ○ Há mais de 25 anos

Você trabalha em alguma escola que dispõe de algum tipo de dispositivo tecnológico para uso do professor? *

- ○ Sim
- ○ Não

Com que frequência você faz uso de algum tipo de dispositivo tecnológico em suas aulas? *

- ○ Sempre
- ○ Quase sempre
- ○ Raramente
- ○ Nunca

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Seção 3 de 4

Uso de Tecnologias Digitais em sala de aula

Descrição (opcional)

Quando você faz uso de tecnologias digitais em sala de aula, você percebe que (pode marcar mais de uma resposta): *

- ☐ O aluno demonstra interesse maior pelo conteúdo aplicado.
- ☐ O interesse do aluno pela aula não é diferente nas aulas tradicionais.
- ☐ É mais prático dar aula com uso de tecnologias digitais.
- ☐ Não acredito que o uso de tecnologias digitais em sala de aula seja algo relevante para minha metodolo...
- ☐ O uso de tecnologias digitais em sala de aula tende a aumentar cada vez mais.
- ☐ O uso de tecnologias digitais em sala de aula é uma técnica que levará tempo para ser incorporada com ...
- ☐ O interesse do aluno no conteúdo aumenta com o uso de tecnologias digitais.
- ☐ O uso de tecnologias digitais diminui a capacidade de concentração do aluno.
- ☐ Outros...

APÊNDICE B – Ficha de Software / Aplicativo

Título: Software / Aplicativo (Programa de Computador) Plataforma Blog TEXTUALIZANDO

Título em inglês: Software / Application (computer program) Plataforma Blog TEXTUALIZANDO

Ano Produto: 2025

Ano Dissertação: 2025

Descrição da finalidade do Software: Espaço digital criado para auxiliar professores na implementação de práticas pedagógicas inovadoras com o uso de tecnologias digitais. Ele oferece sugestões de atividades, recursos e estratégias para tornar as aulas mais dinâmicas, interativas e alinhadas às diretrizes da BNCC, com sequência didática referente à sugestão aplicada.

Avanços tecnológicos/grau de novidade

( ) Produção com alto teor inovativo: desenvolvimento com base em conhecimento inédito;
(x) Produção com médio teor inovativo: combinação de conhecimentos pré estabelecidos;
( ) Produção com baixo teor inovativo: adaptação de conhecimento existente; ( ) Produção sem inovação aparente: produção técnica.

Produção Intelectual Docentes Autores

Nome: Adriana da Silva Lisboa Tomaz CPF: 938.546.417-53
Claudio Henrique dos Santos Grecco CPF: 852.260.177-15

Discentes Autores

Deyse Garios Mendes CPF: 989.829.587-20

Demanda:
(X) Externa
( ) Edital

( ) Interna

Conexão com a Pesquisa

Produção vinculada à Linha de Pesquisa: Práticas Pedagógicas para Orientação da Aprendizagem Mediadas por Tecnologias.

Linha de Pesquisa vinculada à produção: Desenvolvimento, Estratégias de Uso e Avaliação de Tecnologias digitais na Educação Formal.

Recursos e vínculos da Produção Tecnológica

Data início: 01/12/2024

Data Término: 11/02/2025

Total investido: Não houve investimento. Os discentes fizeram uso de recursos próprios já existentes.

Fonte do Financiamento: Sem financiamento

Aplicabilidade da Produção Tecnológica: Ofertar materiais didáticos com uso de recursos digitais, promovendo uma metodologia com a integração e o uso estratégico da tecnologia. Aplicabilidade especialmente por meio da plataforma de produção de Blogs do Google, Blogger, com janelas de comentários e sugestões abertas com a finalidade, inclusive, de recebimento de outros materiais similares para aumento de oferta.

Descrição da Abrangência realizada: Material apresentado a um grupo de cinco professores de língua portuguesa da educação básica, para que pudessem avaliar as sugestões de aulas com recursos tecnológicos.

Descrição da Abrangência potencial: Aplicável a professores de qualquer área, tanto de escolas públicas quanto particulares, no Brasil e exterior. Seu impacto será a criação de aulas mais dinâmicas e o aumento do engajamento dos alunos na leitura e produção textual.

Descrição da Replicabilidade: Replicável via compartilhamento ou acesso online. Suas atividades adaptam-se a diversos conteúdos e disciplinas, em qualquer

instituição educacional.

A produção necessita estar no repositório? Sim

Natureza: Digital

Finalidade: A Plataforma Blog Textualizando é um material interativo, resultado do trabalho realizado pelo programa de pós-graduação, cuja finalidade é apresentar ao professor práticas pedagógicas inovadoras com o uso de tecnologias digitais, de forma que possa auxiliá-lo na criação de aulas dinâmicas, alinhadas à BNCC e que possam promover um ambiente educacional motivador para aprendizagem dos alunos.

Disponibilidade: Irrestrita

Instituição Promotora: Centro Universitário UniCarioca

Cidade: Rio de Janeiro

País: Brasil

Divulgação: Meio Digital

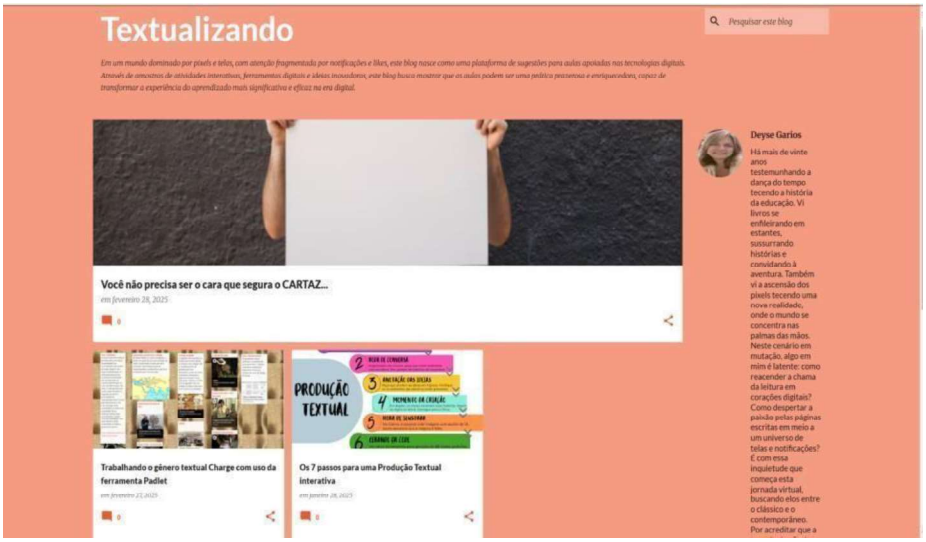
Documentos Anexados (em PDF)

(X) Declaração emitida pela organização cliente

( ) Declaração de Apoio da Unidade (não se aplica porque não teve uma unidade, embora tenha aplicabilidade e Função Social)

( ) Código fonte do programa (não se aplica)

Fig. 9 – PÁGINA INICIAL BLOG TEXTUALIZANDO



Fonte: elaborado pela própria autora